Cortella& Karnal& Pondé& Felicidade

MODOS DE USAR

Um debate entre três
grandes pensadores
sobre o que nos faz feliz

Planeta

Cortella& Karnal& Pondé& Felicidade

MODOS DE USAR

Um debate entre três
grandes pensadores
sobre o que nos faz feliz

Planeta

Copyright © Mario Sergio Cortella, 2019

Copyright © Leandro Karnal, 2019

Copyright © Luiz Felipe Pondé, 2019

Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2019

Preparação: Andressa Veronesi

Revisão: Marina Castro e Departamento editorial da Editora Planeta do Brasil

Projeto gráfico e diagramação: Marcela Badolatto

Capa: Departamento de criação da Editora Planeta do Brasil

Lettering de capa: baseado no ícone viral criado originalmente pelo estúdio Experimental Jetset

Adaptação para eBook: Hondana

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica

Ilacqua CRB-8/7057

Cortella, Mário Sérgio

Felicidade: modos de usar / Mario Sergio Cortella, Leandro Karnal, Luiz Felipe Pondé. – São Paulo: Planeta do Brasil, 2019.

160 p.

ISBN: 978-85-422-1700-1

1. Felicidade 2. Filosofia I. Título II. Karnal, Leandro III. Pondé, Luiz Felipe

2019

EDITORA PLANETA DO BRASIL LTDA.

Rua Bela Cintra, 986 – 4º andar – Consolação

01415-002 – São Paulo-SP

www.planetadelivros.com.br

faleconosco@editoraplaneta.com.br

TRÊS TENORES

Clóvis de Barros Filho

Três colegas. Renomados pensadores. Docentes de excelência. Comunicadores impactantes. Finos debatedores. Os três tenores, para alguns. Mosqueteiros, para outros. E tudo mais de legítimo e genial que já tenha se manifestado em trio. Aqui, em triálogo. A fala de um inspira os demais. Discursos alinhavados no calor do encontro. Impossível toda antecipação.

Cada um com seu tom, suas histórias, seus exemplos. Atualizando mestres e autores mais queridos. Desfilando conceitos com fluência despretenciosa. Sobra elegância, erudição e generosidade.

A genialidade criativa faz do ineditismo de cada enunciação um instante de incomparável logos. Razão e discurso. Com seus adendos e remendos. Um ballet de argumentos em grande estilo.

Não lhes falta estrada. A nenhum dos três. Trajetórias sulcadas com muita saliva e letra. Sempre lapidada e aguda. Com alma densa e pouco desperdício.

Nem um único suspiro de bobeira. Ou hiato à toa.

Você, leitor, é sortudo. Por isso tão premiado. E que sorte é essa? Ora. Não precisa buscar longe. Cortella, Karnal e Pondé são contemporâneos. Coincidência nada desprezível. O acaso tecendo em finesse, justo no tempo que também é o seu, com os fios da maior perfeição. Amantes do futebol, menos contemplados, não puderam reunir Pelé, Maradona e Messi. Ou Neymar, Rivelino e Garrincha.

Mas a sorte não acaba aí.

Ao longo de décadas, ou séculos, nossas salas de aula foram iluminadas por professores pátrios de excelência. Mas com escasso ou nenhum reconhecimento fora das quatro linhas do campo acadêmico. Eis que, de golpe, surgem três. Arrastando multidões para suas palestras.

Entupindo auditórios. Com milhões de seguidores. De leitores. E admiradores. Dinamitando, sem nenhuma cerimônia, os muros dos antigos feudos de consagração intelectual.

Falados e comentados para muito além dos rodapés. Acusados pelo sucesso. Denunciados pelo aplauso. Abordados como celebridades. Abraçados, fotografados e filmados a cada passo. Em pegadas rastreadas nas calçadas da fama do nosso pensamento.

Cortella, Karnal e Pondé estão, os três, eternizados. Integram a história da inteligência brasileira. Não há registro sério da nossa sociedade sem alusão a seus legados. Graças aos três, alguma filosofia tornou-se íntima de muitos. Que por ela pegaram gosto. Competência de quem abriu as portas do banquete. Iguaria antes restrita a raríssimos, que, ao ser degustada por muitos, vai reaparecendo nas tigelas. Sempre, mais. E, muitas vezes, melhor.

O tema que os reúne é felicidade. Objeto de interesse de pensadores desde sempre. Sem definição que se imponha. Não com aquela pretensão de universalidade indiscutível. Essa ainda não temos. E olha que tentativas houve. Do antigo ao contemporâneo.

A tal felicidade parece mesmo estar por trás de tudo que fazemos ou pensamos. Basta ir procurando razões para nossas decisões. À moda das crianças perguntonas. Estudar no domingo, para que mesmo? Ir bem na prova? Passar de ano? Diploma? Faculdade? Estágio? Emprego? Salário? Consumo? Chegamos numa casa em Maresias. Ah, vai. Um apê em Miami. Vixe. Pegamos um caminho meio pobre, de espírito.

Vamos voltar lá no estudo de domingo. Para que mesmo? Para aprender. Para saber. Para, para… Vamos, saber para que? Para a felicidade. Balbuciou o aluno mais tímido. Já arrependido de ter aberto a boca, ante o olhar da sala toda sobre si, fazendo pouco.

E pra que a felicidade? Desafia o professor. Silêncio da galera. De fato. A felicidade não é para nada. Porque nada importa além. Porque ela, por ela, não leva a nada. Nem pretende. Porque não é caminho para nenhuma outra coisa. Não é meio. Nem instrumento. É o fim da linha. Tudo que queríamos. Desde o começo.

Inútil, portanto. Sim, a felicidade é 100% inútil. E você que sempre foi escravo, instrumento de outras vontades, terá passado a vida na utilidade. E sendo aplaudido por isso. Associando inútil a coisa ruim, de nenhum valor.

Ou aos que nada fazem, imprestáveis.

Você mesmo. Que não sossegou enquanto não viu seus filhos escravizados como você. Educando-os para serem úteis sempre. Agora se vê abestado. Perplexo, fica melhor. Acaba de se dar conta de que o mais valioso, justamente por já ter valor em si mesmo, é perfeitamente inútil. Não precisa de mais nada que lhe confira utilidade. Sempre valeu mais do que tudo de mais útil.

Sinto que você pede um refresco. Abstra-ção demais. Exemplos costumam ajudar.

Um colírio tem valor? Claro que sim. Mas esse valor está condicionado. À sua utilidade. Portanto, a um mundo cheio de olhos. Irritados, machucados. Ou cheios de frescura, mesmo. O colírio por ele mesmo, neste caso, não vale nada. Precisa de olhos para toda valia.

Essa dependência é apequenadora, concorde. Afinal, na hipótese de um mundo sem olhos, colírios terão perdido sua utilidade. E, neste caso, seu valor também. Como sapatos sem pés, vozes sem tímpanos, filosofia sem inteligência ou moral sem liberdade.

Assim, da mesma forma, martelos, pregos, quadros e paredes. Cadeias de utilidade que vão distribuindo entre seus integrantes – instrumentos – um certo valor de utilidade. Uma interdependência frágil. Vai que alguém constate que para pendurar um quadro não precise furar a parede.

Felicidade, portanto, não é martelo nem prego. Porque não precisa de quadros, na parede a pendurar, para receber sua quota de valor. Felicidade tem valor desvinculado. Incondicionado. Independente. Em si mesmo. Por isso, talvez, todos a busquemos. Mesmo quando nos enforcamos.

Algumas experiências renovam nossas esperanças. Iluminam a trilha da felicidade. Parece plausível. A esperança é afeto. A potência sobe. A energia aumenta. Tendo como causa algum mundo imaginado. Um conteúdo de consciência, portanto. Assim, você dentro do ônibus, saindo da rodoviária, a caminho do litoral, supõe em sua mente, que vai dar praia. O tempo não vai atrapalhar.

O objeto da esperança é sempre um real desejado. Por isso mesmo ausente do mundo fora de nós. Ao menos por enquanto. A última que morre. E quando alguém constata que já não há esperança, parece insinuar que as chances de uma vida feliz doravante minguaram de vez.

Na contramão do que sugerimos acima, sem ofender nenhum senso comum, sábios estoicos e seus discípulos, séculos afora, propõem algo muito diferente. Preconizam uma felicidade sem esperança, justamente. Por muitos motivos.

Em primeiro lugar, toda esperança seria inseparável do temor. Seu aparente reverso. Assim, quem espera pelo sol, teme a chuva. Quem espera sobreviver, teme a morte. Quem espera a riqueza, teme continuar pobre. Quem espera ser amado, teme a indiferença. Ora, com esse temor impregnado em toda esperança, impossível cravar alguma experiência de felicidade cristalina. Mas o azedume dos esperançosos não acaba aí.

No instante em que esperamos, o mundo esperado nos falta. Trata-se de um afeto em frustração, portanto. Em carência. Onde o mundo imaginado é, ao menos naquele momento, desmentido pelo vivido, ou percebido. Fissura infeliz, certamente. Em castidade. Sem toque. Sem gozo.

E tem mais.

Neste mesmo instante, quando somos afetados de esperança, ignoramos a ocorrência efetiva daquilo que esperamos. Se tivéssemos certeza a respeito da sua superveniência, não esperaríamos mais. A alma não flutuaria entre a quase certeza do sim e a quase certeza do não. Extenso intervalo, da euforia ao desespero, todo ele atravessado pela incerteza. Alguma incerteza, ao menos. Que crava de insegurança toda experiência. E preenche de infelicidade toda lacuna.

Restaria uma felicidade sem esperança. Numa vida sem mundos imaginados. Que se esgotaria toda ali mesmo. No imediato do instante vivido. Será possível? Será vivível? Será recomendável? Viver assim, sem devir cogitado, isto se aprende? Há treinamento? Numa eventual educação para a vida, poderíamos preparar alunos para uma competência tão radical como essa?

Talvez. Na cabana, quem sabe. Só lá a vida é feliz. A cabana é o meu lugar. Onde a vida antecipou um tiquinho de céu. Com fragmentos de eternidade. Onde os tempos da alma se dissolvem em instante puro. E as agendas viram pó. Onde não há justificativas. Por falta de quem as cobre. Onde não há explicações. Por falta de causas. E de efeitos. Onde não há eus. Por falta de outros. Nem enfadonhas identidades. Com suas pálidas distinções.

A cabana é reconciliação. Amável com o mundo. Onde a potência de

vida quer mais. Pedaço de lugar que acolhe. Sem pensar em julgar. Do sórdido ao canalha. Que só mostramos às vezes. Na paz inesperada entre o medo e a cobiça. Acolhe também o generoso. Que abre mão porque acha certo. Tanto quanto o amoroso, que faz o mesmo sem pensar. Lugar tão raro a cabana. De nome Felicidade.

Na cabana não há só gozo. Porque a dor também é prazer. Não há só augúrio, já que maldição também é bênção. Não há só luz. Porque a noite também é sol. Cortado pelo horizonte. Na cabana, ao dizer sim ao orgasmo, aceite o vazio. Aplaudindo a euforia, dê boas-vindas ao melancólico. Arfando no beijo, contraia herpes.

Você não reparou. Puxando o novelo pela ponta da esperança, trouxe junto todo temor. De que o mundo e a mente se desmintam, em agressão cruel. Ao lutar pela paz, acabou tendo que matar os belicosos. Todos eles.

Na cabana, as coisas não estão no seu lugar. E a cada segundo vão se sujando. Nada muito arrumadinho. Nela, tudo tem a ver com tudo. Porque onde há vida, nada fica. Tudo afeta. Mistura, compõe. Na cabana não há gavetas nem arquivos. Compartimentos cederam aos compartilhamentos.

E quando você tem certeza de que entrou no quarto da vida potente, encontra Carlota. A cozinheira. Morta. Sem ter percebido estar morrendo, desde o dia da fecundação.

Ah você! Cheio de nojo. Na cabana não é bem-vindo. Nela só entra quem está pronto para viver. Quem vê na gosma meio caminho atrativo. Entre líquidos e sólidos inertes. Quem sente na lama o barro úmido da mudança. Da reconstrução. Quem encontra na terra e nas vísceras seus únicos valores.

E atracado no caule do mamoeiro sente o esforço dramático do ser em busca do sol. Para perseverar. Sem meias ou inteiras verdades. Apenas vida. Da cadela Yalta enterrada sob o pinheiro. De onde brotou o ipê. Roxo. Como o caixão que nos receberá. Pode crer!

Os três filósofos e uma cabana. Minha fórmula de felicidade. Tiro e queda. Pá pum.

CORTELLA

O tema da felicidade não pode ser banalizado, olhado de uma maneira menos densa, porque ele, em última instância, é aquilo que de maneira geral, quase sempre, nós dizemos que queremos ter, queremos encontrar. Portanto, temos a felicidade como nosso horizonte.

Um dos maiores poetas de língua inglesa da história, Alexander Pope, nasceu no dia 21 de maio de 1688. Um homem que é conhecido não só pela sua produção literária, mas especialmente porque fez a mais famosa tradução para o inglês da *Ilíada* e da *Odisseia*. Há trezentos e trinta anos, ao aparecer, Pope permitiu que nós fôssemos capazes de um nível mais denso de felicidade. Não porque produziu poemas estupendos – o que ele fez –, mas porque trouxe para o mundo mais moderno o que um dia sonharam os gregos antigos na sua história, na sua tradição.

Pope era extremamente satírico, o que tem muito a ver com a reflexão que faremos neste livro e também com aquilo que gostamos de escrever – seja nos livros que cada um de nós publica individualmente, seja naqueles que já fizemos juntos. Há algo a ser meditado, especialmente quando se fala sobre felicidade. E de Pope eu gosto demais de uma frase. Disse ele: "Algumas pessoas nunca saberão tudo, porque entendem tudo muito depressa". Isso me lembra aquilo que um dia Guimarães Rosa produziu ao dizer: "Não convém fazer escândalo de começo, só aos poucos é que o escuro é claro". Isso é um sinal de inteligência imensa de alguém que conseguiu observar a vida e olhar um pouco o que significa existir. Não convém fazer escândalo de começo, só aos poucos o escuro é claro…

O mesmo Guimarães é sempre lembrado porque afirmava que viver é muito perigoso. Claro, a vida nos cansa, nos alegra, nos anima, nos enfastia, nos perturba, nos machuca, nos produz agonia. Eu nasci em Londrina, no norte do Paraná. Lá há um grande escritor chamado Domingos Pellegrini. Um dia, Pellegrini resolveu fazer algo que eu acho especial: haicais. Gosto muito de haicais, uma coisa de uma inteligência imensa. Para mim, o melhor brasileiro, depois de Millôr Fernandes, para a produção de haicais era o paranaense, como eu, só que de Curitiba, Paulo Leminski. Aliás, Leminski tem algumas ideias sobre a vida que valem sempre lembrar. Ele dizia, por

exemplo: “Pra que cara feia? Na vida ninguém paga meia”. Ou ainda: “Tudo que li me irrita quando ouço Rita Lee”. E é interessante, porque o Domingos Pellegrini decidiu fazer uns haicais para gente caipira como eu. Ele fez até um livro chamado *Haicaipiras*, que quem é do interior entende bem, e quem não é entende do mesmo jeito.

Dos haicais que ele ali produz, o que mais aprecio é um que eu pude um dia colocar nas redes sociais para a gente refletir sobre o que é a vida e o que é a procura de circunstâncias de felicidade. Escreveu Domingos Pellegrini: “Nunca acaba, quanto mais cato, mais cai goiaba”. Isto é: uma vida que não dá trégua. Eu aprecio imensamente histórias em quadrinhos, e tem uma antiga do Frank e Ernest, que é uma tirinha que durante anos foi publicada e ainda é em vários jornais, que eu acho magnífica, com uma cena só: um psicanalista atrás de uma mesa daquelas de psicanalistas, talvez um psiquiatra, mais até do que um psicanalista. No fundo, vários diplomas, uma imagem do Freud. E, na frente, o paciente, que é o Frank, dizendo: **“Sabe o que é, doutor? Eu não quero fugir da vida, eu só quero que ela me deixe em paz um pouquinho”.**

Essa ideia de paz, isto é, de situações em que você percebe que a vida pode exuberar, pode fazer sentido, pode ser fruída sem ser de fato um encargo, é algo com que no nosso horizonte a gente lida como a ideia de felicidade. E uma das coisas mais tristes é que muita gente esquece, no meu entender, que felicidade não é um lugar aonde você chega; felicidade é um horizonte e, obviamente, inatingível como uma circunstância de permanência. Felicidade não é algo em que você, ao desejar, ao atingir, senta, repousa, relaxa e pode se deleitar. Há pessoas que dizem: “Um dia eu vou ser feliz”, e eu digo: nunca o será. Afinal de contas, a felicidade não é um ponto futuro. A felicidade é um desejo permanente, mas é uma circunstância provisória. Nenhum e nenhuma de nós é feliz o tempo todo. Aliás, uma pessoa que é feliz o tempo todo não é feliz, é tonta.

Ora, a vida tem perturbações, tem percalços o tempo todo. A vida tem dificuldades, e uma pessoa que se coloca como alguém feliz de modo contínuo não entendeu a própria existência. Nesse sentido, talvez essa pessoa esteja privada de sanidade. Portanto, qualquer um que seja minimamente são sabe que não pode ser feliz o tempo todo porque a vida não oferece só essa condição. Se a felicidade não é algo contínuo, ela, no meu entender, é uma vibração intensa da vida. É quando você sente a vida vibrar em você. E essa vibração não se confunde com mera euforia. Por exemplo, há substâncias artificiais que produzem em nós euforia; substâncias que podem ser ingeridas, como álcool ou outras formas de fármacos, que levam a um estado eufórico. Mas a euforia não coincide com a

felicidade. **A felicidade é, no meu entender, um momento de vibração intensa da vida no qual você se coloca, inclusive com a compreensão de que naquele momento já poderia morrer.** Isto é, que já tinha valido viver. Interessante quando ao falar de alguma coisa, a gente diga "valeu a pena". Chama atenção porque a vida nos coloca uma série imensa de penas, mas ela não faz só isso. Há situações em que você percebe, com todas as penalizações que ela nos apresenta, que a vida vale tanto que você poderia deixar de existir naquele momento.

> Essa ideia de paz, isto
>
> é, de situações em que
>
> você percebe que a vida
>
> pode exuberar, pode fazer
>
> sentido, pode ser fruída
>
> sem ser de fato um encargo,
>
> é algo com que no nosso
>
> horizonte a gente lida como
>
> a ideia de felicidade.
>
> Mario Sergio Cortella

Para mim, essa é a medida do que considero a vibração intensa, o momento em que a vida é tão exuberante que eu poderia morrer por não a ter desperdiçado, apenas por ter vivido aquela circunstância. Coisa curiosa, a felicidade é um episódio eventual. No meu entender, ela é uma ocorrência, não um estado contínuo. Aliás, nós só podemos ser felizes porque não o somos de modo contínuo. Uma parte das coisas por nós apreciada só o é porque se ausenta. Por exemplo: é bom demais que você possa beber água quando está com sede; a água fica muito mais apreciável nessa condição. No entanto, tomar oito copos de água para fazer um ultrassom de vias urinárias não é nada agradável.

Eu gosto de vez ou outra tomar uma cerveja, ou uma taça de vinho, ou uma dose de uísque, e gosto de fazê-lo porque não o faço sempre. Uma pessoa que tem dependência em relação ao álcool não aproveita o álcool, ela tem uma necessidade. Alguém que é dependente de algo não tem prazer naquilo. Assim, a capacidade de aproveitar os momentos em que a vida com intensidade em mim vibra a ponto de eu poder dizer que "já estava bom

assim", que "daria para parar por aqui", está ligada à própria ausência dessa situação na maior parte do tempo.

É muito bom ter apetite, é muito bom ter vontade de encontrar alguém, **é muito bom ter saudade, porque isso permite que você, ao vivenciar a ausência, possa fruir o encontro.** Nesse sentido, eu quero lembrar algo que a gente não pode, no meu entender, deixar de lado. A felicidade vai, sim, aos trancos e barrancos. Ela sem dúvida não é um estado, como eu dizia, contínuo; ela não vem sempre, mas vem de vez em quando. E quando ela vier, afague, cuide, acaricie, porque ela se vai, mas volta. Mas se vai de novo. Há pessoas que prestam tanta atenção na partida e na despedida dos momentos felizes que, quando estão vivendo um desses momentos, não são capazes de afagá-los, de cuidá-los. Nessa hora, lembro: a felicidade é uma ocorrência, essa ocorrência é eventual, há momentos de felicidade que a gente só pode, como eu dizia, fruir com intensidade, porque sabe que são transitórios. E ainda bem que transitórios são, porque se não o fossem eu não conseguiria aproveitá-los como aproveito.

A felicidade é, no meu entender, um momento de vibração intensa da vida no qual você se coloca, inclusive com a compreensão de que naquele momento já poderia morrer.

Mario Sergio Cortella

Por exemplo, uma circunstância como esta em que nós – que já conversamos outras vezes em outras situações, e somos amigos – estamos conversando. É muito bom estar aqui, é ótimo estar com Pondé e Karnal, é bom demais participar desta reflexão, e é muito bom porque a gente não faz isso sempre. É muito bom porque nós não estamos juntos todo dia, o tempo todo, e nem temos que ficar conversando de modo contínuo, mesmo que eu aprecie conversar com ambos. Mas tê-los à minha volta de modo presente e contínuo seria algo infeliz. No entanto, isso não é ofensivo, ou pelo menos eu não quero que seja. É uma maneira de caricaturar aquilo que é a nossa

circunstância: que o episódio do momento da vida que vibra é o episódio de que você precisa cuidar. Insisto, ele não vem sempre e não fica de modo contínuo quando vem. Mas é preciso aproveitá-lo quando ele aparece, como neste nosso debate.

é muito bom ter

saudade, porque isso

permite que você, ao

vivenciar a ausência,

possa fruir o encontro.

Mario Sergio Cortella

Vou dar um exemplo recente. Uma das minhas netas mora em Florianópolis. Ela se chama Anna Luisa, tem agora cinco anos e gosta muito de vestidos. Florianópolis é uma cidade na qual se usa roupa mais leve. E ela gosta muito de vestidos que sejam de alcinha e floridos. Um dia, eu, que moro em São Paulo, passava por um shopping e vi um vestido que era belíssimo, do jeito que ela gosta. Mais do que apenas ter gostado do vestido, ele tinha um custo bom. Há uma diferença, atenção, entre uma coisa que é cara e uma coisa que tem um preço alto. Caro é aquilo que não vale. Há coisas na nossa vida cujo custo é alto, mas que não são caras. Há várias coisas que você e eu gostamos de ter cujo preço é mais alto, porém não são caras. Caro é aquilo cujo preço é muito superior ao que vale, é quando você diz: "Isto não vale tudo isso". Mas, voltando a esse ponto, o vestido tinha um custo bom demais, e eu comprei. Acabei indo a Florianópolis porque tinha uma atividade lá, e fui visitar a Anna

Luisa, que estava na escola. A Ana Carolina, minha filha, mãe da Anna Luisa, foi buscá-la. No caminho, ela contou para a Anna Luisa que eu tinha trazido um presente, mas não disse o que era. Quando a Anna Luisa chegou e me viu, ela veio correndo na minha direção e foi subindo em mim. Foi me escalando. Não sei se você já teve a sensação de ser escalado por uma criança – é algo inesquecível. E aí é claro que ela estava naquela euforia também por causa do presente. Não só por isso, mas também por isso.

Quando eu abri a caixa e minha neta viu o vestido, que era azul com umas flores brancas, ela começou a gritar, a correr pela casa para lá e para cá. Arrancou a roupa da escola, tirou o tênis, a meia, a calcinha, e ficou nua correndo pela casa.

Na hora que pôs o vestido, ela parou na minha frente, mostrou-se enfeitada e me deu aquele sorriso, aquele olhar de felicidade. Naquele momento, eu, Mario Sergio Cortella, podia morrer. Não queria, mas podia.

Por que eu gosto disso? Porque não é sempre, mas é. E quando é no abraço, na conversa, em um livro, num teatro lotado, eu sei que não será sempre assim. Eu sei que não é sempre assim, mas, quando é, que seja de uma maneira densa, profunda, da qual eu consiga ter saudade. Por isso, digo que a **felicidade é um desejo permanente, mas uma ocorrência eventual**.

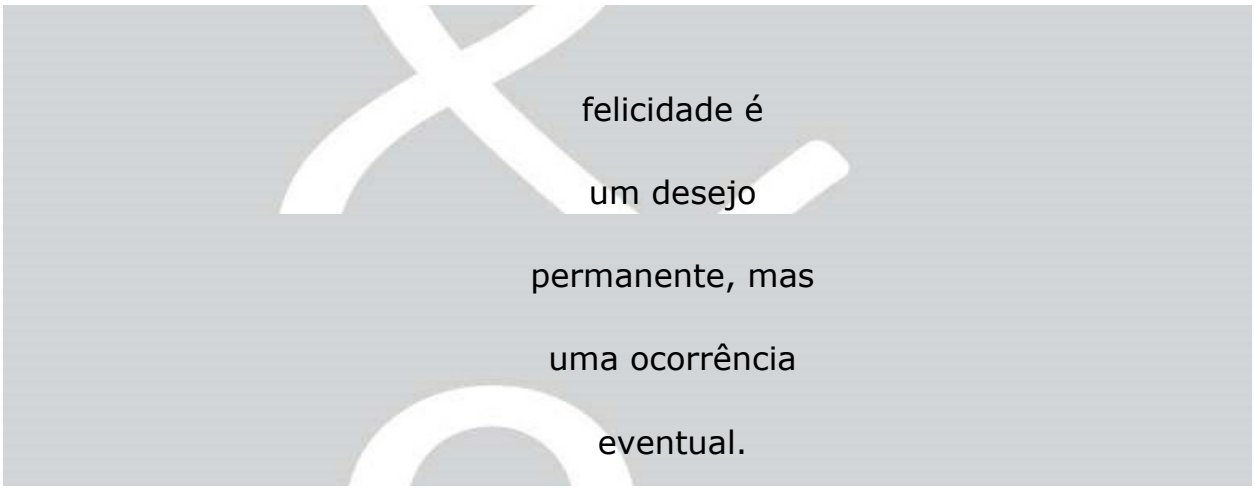
PONDÉ

É sempre bom ter a chance de trocar ideias. Sem dúvida nenhuma isso nos faz acreditar que, apesar do muito que se fala, o Brasil está num momento muito bom. E eu dizendo que o Brasil está num momento muito bom deve significar alguma coisa. Afinal, dizem que sou um Schopenhauer encarnado nos trópicos. O que não é exatamente verdade.

A felicidade nunca foi um tema que me ocupou muito. Não é um tema em que eu pense filosoficamente, não é uma coisa que me ocupa muito na vida do dia a dia. Então, me pus a pensar sobre o assunto porque a gente ia conversar sobre isso, e vou dizer o que é a felicidade para mim. Farei isso, claro, munido do repertório filosófico e literário que tanto conheço e assimilei. Mas vou abordar algumas características ou virtudes que me parecem importantes para a gente chegar a alguma forma de felicidade – que eu não vou ousar definir exatamente o que é, mas da qual espero que fique claro o que eu penso.

Vou começar dizendo que existem algumas qualidades ou características que podem fazer com que a gente tenha, digamos, uma vida feliz. E vou terminar falando um pouco sobre a relação entre felicidade e os mais jovens, porque existem pesquisas mostrando que os jovens não andam muito felizes – e eu lido com esses jovens quase todos os dias em sala de

aula há vinte e dois anos. Vou apresentar três entendimentos do que acredito seja ou leve à felicidade. O primeiro diz respeito à misericórdia.



Mario Sergio Cortella

A primeira imagem que eu associo à felicidade é uma história que vem do comentário rabínico "A criação", que é da tradição rabínica judaica, os chamados *midrashim*. Nele se conta sobre o dia em que Deus criou o mundo e ia criar o homem e a mulher. Como ele é um deus judeu, tinha um parlamento com ele, porque você sabe que o judeu não consegue pensar nada se não tiver alguém com quem brigar… É por isso que se fala "dois judeus, três ideias".

Deus chama o seu parlamento e debate: "Devo criar o homem e a mulher, não devo?". E aí vem a justiça e diz assim: "Não crie não. Não crie porque o homem e a mulher vão dar muita dor de cabeça, eles vão romper com você, não vão te obedecer, vão fazer um monte de besteira e vão te dar muito trabalho. Não crie". Aí Deus chama um outro membro do seu parlamento, que é a misericórdia, e pergunta: "E aí, misericórdia, eu devo criar o homem e a mulher?", e aí a misericórdia diz: "Deve. É verdade que eles vão criar muito problema para você, mas haverá alguns momentos em que vão deixar você tão feliz, tão feliz com o que você fez, tendo-os criado, que vale a pena". Aí Deus pega a misericórdia nas mãos e diz: "Eu vou fazer o que você disse", mas a pega, joga no chão, estilhaça em milhares de pedaços, joga sobre a criação e diz: "Eu vou criar o homem e a mulher. Mas vou fazer com que eles passem o resto da vida buscando cada fragmento de misericórdia na face da Terra".

Essa história me lembra a ideia de felicidade, primeiro pelo que a

misericórdia diz, e depois pelo que a misericórdia é. Eu acho que **é impossível ser feliz se você não experimentar a misericórdia, se você não experimentar a possibilidade de perdoar pessoas, e se você não experimentar a possibilidade de ser perdoado por pessoas. Portanto, a felicidade não é possível se você não tiver consciência de que tem culpa de muita coisa e de que faz muita coisa errada.**

Daí nasce uma das críticas mais comuns que eu faço nos meus textos, nos meus livros, no canal do YouTube, em toda parte. É muito comum eu criticar aquilo que chamo de pessoas que se acham do bem. Porque eu acho que uma pessoa que se acha do bem e não reconhece em si nada de mal possivelmente é uma pessoa profundamente infeliz, porque ela não precisa de misericórdia, não precisa de perdão. Só quando você sabe quanto é incapaz de ter controle da sua vida, quanto pode meter os pés pelas mãos, quanto pode fazer coisas que o outro não acha certo é que você pode, de fato, experimentar a vida na sua matriz mais pura. Então aí está a primeira coisa: eu relaciono a possibilidade de ser feliz a uma certa capacidade de reconhecer em si mesmo a impossibilidade da plenitude, a impossibilidade da perfeição, a impossibilidade

do bem absoluto e a impossibilidade de se identificar esse bem. Daí vem muito das críticas que eu faço em muitos lugares em questões mais pontuais. Porque eu acho que a gente sofre. Já escrevi isso várias vezes: tenho a impressão de que a nossa época ficará marcada como sendo a época em que mais se mentiu na face da Terra.

As pesquisas, o Google e o Facebook têm provado isso o tempo todo. O que eu acabei de dizer traz uma dica sobre uma outra forma do que eu penso de felicidade, de pensar como a gente pode compreender a felicidade ou o que pode ser necessário para a gente ter uma experiência de felicidade. Nesse sentido estou colocando a felicidade muito mais do lado da capacidade de se reconhecer dependente, da capacidade de se reconhecer necessitado e insuficiente.

Tem uma citação de um romance que eu gosto muito, *Anna Karenina*, do Tolstói. O livro começa com uma famosíssima frase sobre felicidade, que é mais ou menos assim: "Todas as famílias felizes são felizes da mesma forma, as infelizes o são cada uma da sua forma".

é impossível ser feliz se você

não experimentar a misericórdia,

se você não experimentar a

possibilidade de perdoar pessoas,

e se você não experimentar a

possibilidade de ser perdoado por

pessoas. Portanto, a felicidade

não é possível se você não tiver

consciência de que tem culpa de

muita coisa e de que faz muita

coisa errada.

Luiz Felipe Pondé

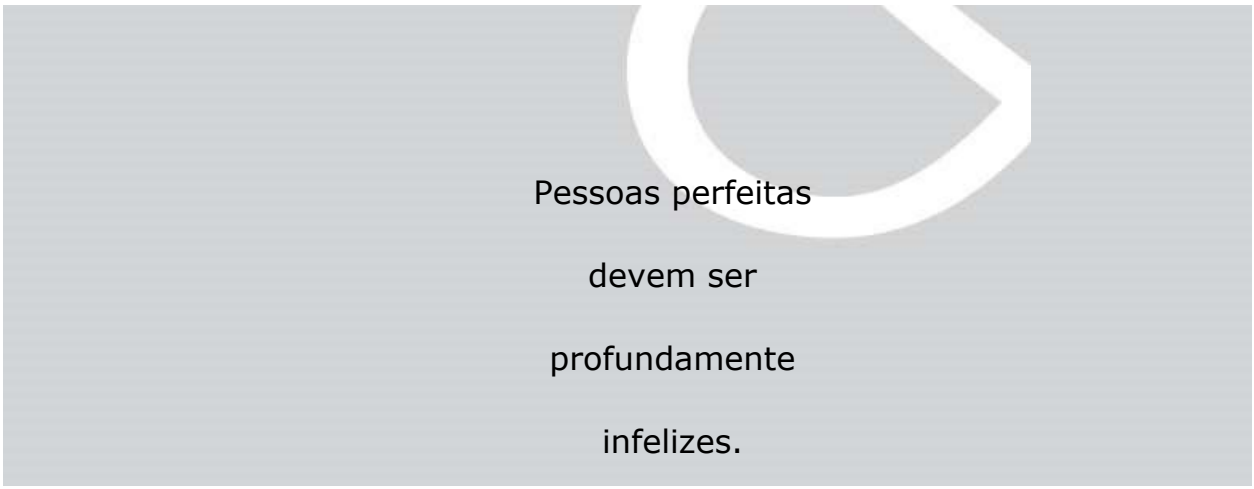
Quem conhece o livro sabe que é a história de uma mulher adúltera que trai o seu marido porque se apaixona perdidamente por um conde e acaba pulando para debaixo de um trem. Dei um *spoiler*, mas *Anna Karenina* não é um livro que você lê para saber o final. Você lê *Anna Karenina* para saber quem você é, do que você é capaz – como qualquer clássico. Já apresentei o meu primeiro entendimento sobre felicidade, que é relacionado ao tema da misericórdia, da insuficiência e do reconhecimento que a gente precisa ter em relação às nossas falhas. **Pessoas perfeitas devem ser profundamente infelizes.**

O segundo está relacionado a essa citação da abertura de *Anna Karenina*. Tolstói tem uma compreensão de felicidade, que ele descreve no romance, como algo que você atinge por meio de uma estrutura social de repressão do desejo. Portanto, para ser feliz de acordo com a norma da civilização, você deve ser, no mínimo, monótono. Você deve ser alguém que está inserido em uma regra sob a qual o desejo está completamente contido a partir de certas obrigações. Essas obrigações estão relacionadas à sua família, à família que você vai construir, aos filhos, ao marido, à mulher, a todo mundo que está à sua volta, os amigos, a sociedade, ou seja, tudo.

Tolstói tinha uma compreensão extremamente pessimista da natureza humana. Ele quase se aproxima da ideia de que a melhor coisa que poderia acontecer com o mundo, com a espécie humana, seria parar de se reproduzir. Ele flerta com essa ideia…

Mas o que eu quero pontuar a partir dessa fala do Tolstói, ainda que

ele não esteja próximo na totalidade do seu entendimento, me lembra um outro autor muito importante na minha formação, o Freud. Todo mundo conhece a famosa frase do Freud em *O mal-estar na civilização* – que eu considero um texto fundacional para se entender a modernidade –, em que ele diz: "[…] podemos dizer que a intenção de que o homem seja 'feliz' não se acha no plano da 'Criação'". Aparentemente, a criação não planejou a felicidade humana. Por quê? Porque a gente está sempre tropeçando no desejo. A gente está sempre perdendo o controle sobre o que quer, e o desejo é sempre algo que pode nos levar a momentos de enorme felicidade e a momentos de enorme tristeza – coisas que eu acho que estão lado a lado.



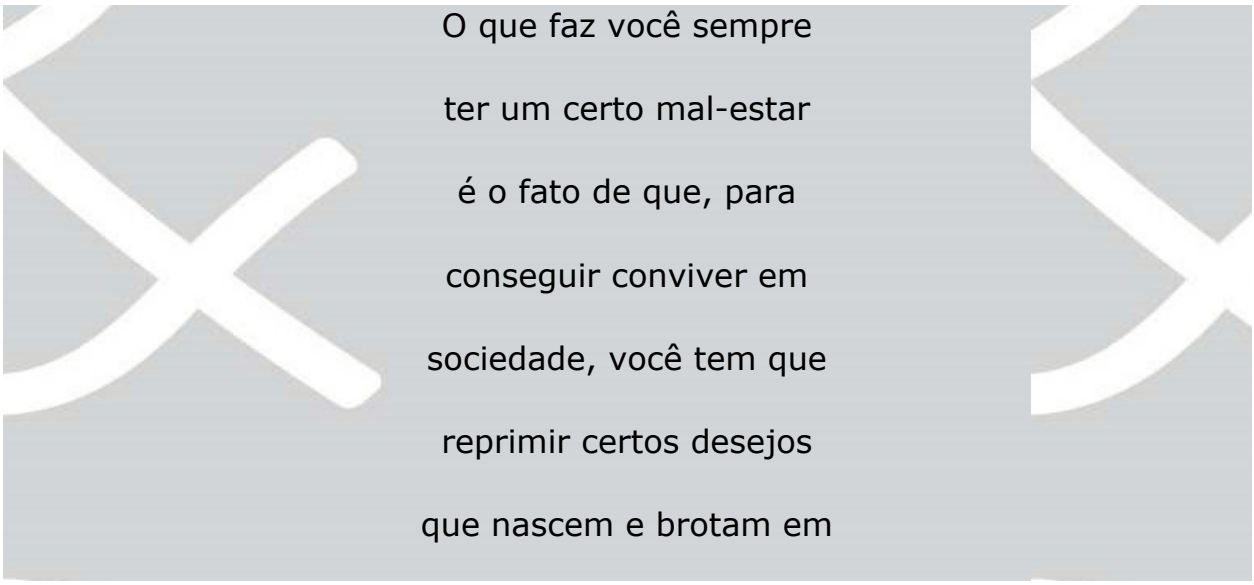
Luiz Felipe Pondé

Tolstói e Freud aqui estão dialogando em um mesmo sentido, apesar de que os dois não concordam entre si. Freud nunca achou que a humanidade devia parar de se reproduzir, no sentido de que a normalidade da civilização está baseada na repressão do desejo. Não estou entrando em detalhes sofisticados sobre conceitos relacionados à diferença entre desejo e libido dentro da teoria freudiana, mas ressaltando a norma social – aquilo que faz você mais ou menos feliz, mais ou menos normal.

O que faz você sempre ter um certo mal-estar é o fato de que, para conseguir conviver em sociedade, você tem que reprimir certos desejos que nascem e brotam em você, porque você é um ser desejante. E aí a noção de civilizado é amadurecida. É mais ou menos a ideia de que você é capaz de lidar com os sustos que a vida lhe apresenta, quando de repente se vê diante de uma situação em que diz: eu sempre esperei por isso. E saber que talvez tenha que abrir mão disso.

À luz de Tolstói e de Freud, a felicidade é, no sentido sociológico, fruto da normatividade, da vida em sociedade, do respeito às regras e de um certo resto de constante insatisfação.

Por último, eu diria que uma outra forma que me ilumina pensando a partir dessa questão da felicidade é que me parece que uma das coisas mais importantes para se ter momentos em que você sinta a vida leve, tem a impressão de que as coisas que faz estão boas, é quando você encontra sentido na vida. Encontrar sentido no que faz, encontrar sentido nas pessoas com quem está. Eu não acredito que o sentido cai do céu, pelo contrário. Acho que o sentido é arrancado das pedras, então isso significa trabalho, esforço, perenidade, resiliência e tudo mais.



Dados esses três sentidos, acredito na felicidade a partir de uma certa apreensão da necessidade da misericórdia e da diferença que isso implica; na relação entre a felicidade e a normatividade social produzindo um resto de mal-estar constante que não teria solução; e por último na ideia de que a felicidade está associada a um sentido, a um propósito na vida.

Fiquei me questionando por quê, afinal de contas, eu nunca pensei filosoficamente sobre a felicidade, por que nunca foi um tema que tenha me ocupado sistematicamente. Estou falando do ponto de vista profissional, claro. A felicidade aparece aqui e ali porque o tema está relacionado com um monte de outras coisas. Lembro, por exemplo, que eu estava fadado a ser médico. Nasci numa família de médicos, era filho de médico, adorava

biologia, era um bom aluno, passei em medicina muito fácil… Mas eu não estava interessado em hospital, achava chato, até que, num dado momento, chutei o balde. Depois de um longo processo, resolvi ser filósofo, ou seja, apostei numa profissão que tinha tudo para dar errado.

A partir dessa minha experiência, fiquei pensando e cheguei à seguinte conclusão: no fundo, para mim, a noção de felicidade que mais impacta e que mais faz sentido é uma certa concepção romântica desse sentimento. No sentido de que eu suspeito que felicidade tem a ver com a experiência da autenticidade. De você ser capaz de viver aquilo que sente o desejo de viver, de ser capaz de lidar com as tensões que essa busca causa, que esses encontros causam, e, portanto, não haveria, me parece, a possibilidade da experiência de felicidade fora da autenticidade.

Não haveria a possibilidade de experimentar a felicidade fora da autenticidade. Quando eu olho o meu percurso até aqui, ele parece reforçar essa ideia. Portanto, nesse sentido, **a felicidade para mim está intimamente associada a você poder viver paixões, logo, ela está ligada à coragem**. Talvez duas coisas que se excluam de forma fundamental sejam covardia e felicidade. Eu diria, por fim, que acredito que uma das virtudes mais necessárias para a felicidade é a coragem.

KARNAL

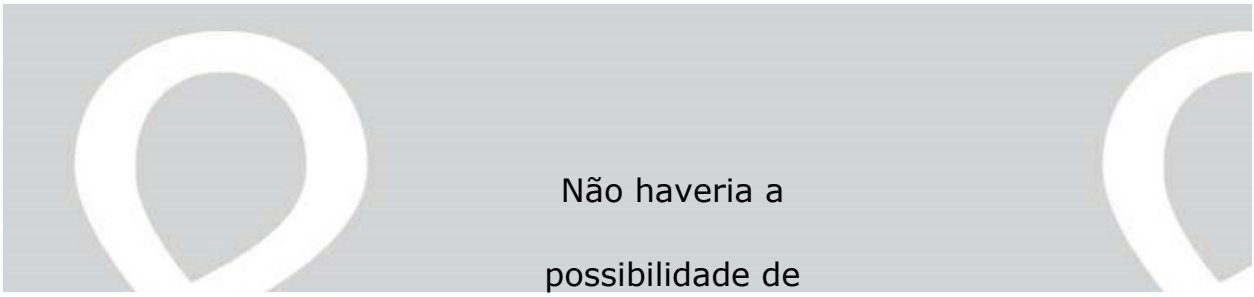
Quando jovem, eu era muito ligado à fé e pertencente a uma família religiosa. Eu supunha, naquela época, que a felicidade estava na imitação de determinado modelo, que era a biografia de Jesus. O eixo estava nos capítulos 5, 6 e 7 de Mateus, o "Sermão da montanha", especialmente na ideia de desapego: "Olhai os lírios do campo, olhai as aves do céu". Nessa fase, eu não precisava produzir bens e era sustentado pelos meus pais. Então era muito desapegado dos bens… Sempre entendi que é muito fácil ser *hippie* com mesada.

Toda essa generosidade nascia de uma família interiorana de classe média, estável em um mundo no qual as coisas não tinham grandes contradições. Escola muito fechada, muito católica; eu ia de casa para a escola, meu pai deu aula de latim na mesma instituição, e tudo isso era tranquilo. A fé era uma experiência estética. No fim da tarde, a luz do vitral azul entrava e eu tocava uma música de uma oração atribuída a São

Bernardo. Aquilo era Deus: o belo, o bom, o ético, a felicidade. Eu voltava muito feliz para casa. Em nenhum minuto me passava pela cabeça que uma parte da minha pátria estava nos porões sendo torturada; eu não tinha consciência de males além da minha redoma. E tudo era feliz e muito bom. Minha religiosidade me levou longe, a estudar muito, inclusive, a ser jesuíta. Por vários motivos, esse modelo de felicidade na imitação de Cristo, essa ideia de felicidade na entrega a um padrão religioso, foi entrando em certo paradoxo, não muito claro e em nenhum momento muito objetivo.

E eu resgatei um outro modelo que me acompanhava desde a infância, talvez por projeção com a função do meu pai, advogado e professor, que era estudar, estudar muito. Encontrar a felicidade nos livros e a resposta nos grandes autores, estudar grandes filósofos, estudar as meditações de Marco Aurélio, estudar a carta sobre a felicidade de Epicuro, apreender as grandes obras, como *Confissões*, de Agostinho, entender as reflexões éticas de Espinosa. Cada vez que eu descobria mais, ficava mais feliz. Li *O Príncipe* de Maquiavel com muita alegria. Descobri muitas coisas, e em seguida me disseram que o tom realista do verdadeiro Maquiavel não estava em *O Príncipe*, todavia em *A mandrágora*, sua peça teatral. Então me dediquei a ler *A mandrágora*.

E depois fui ler a *História de Florença*, em dois grossos volumes – diziam que era o que abriria a porta do conhecimento para o autor. Logo em seguida fui ler a correspondência e os *Discursos sobre a primeira década de Tito Lívio*. E entrei num círculo ansioso de ler, ler sem parar, ler os livros do meu pai, ler livros mundo afora. Até que, na primeira vez que visitei a biblioteca de Washington, perguntei por curiosidade, na maior biblioteca do planeta, o que havia sobre o Brasil ali, e a bibliotecária me mostrou uma ala de várias centenas de metros de prateleiras dizendo que ali estava o Brasil República e que se eu a acompanhasse eu teria a outra parte sobre Império e Colônia. Entendi que se eu dedicasse dezesseis horas por dia durante todo o resto da minha vida eu não leria o Brasil República. A República era uma parte pequena do país, o Brasil era um país entre centenas, o conhecimento me excedia largamente, e não era uma questão de vontade. Por mais que eu quisesse, tudo o que pudesse vir a saber seria uma parte minúscula do todo sempre inatingível.



experimentar a

felicidade fora da

autenticidade.

Luiz Felipe Pondé

Entendi uma coisa libertadora: eu estava perseguindo aquilo que no romance *A Náusea* Sartre descreve como objetivo do intelectual equivocado (o Autodidata), que acha que ler a biblioteca em ordem alfabética seria a chave do seu conhecimento e da sua libertação. Abri mão do número, apesar de amar ler, e ler muito, como já tinha aberto mão um dia da fé. Ler deveria ser um item de felicidade, e não uma planilha. Ler para viver e não viver para ler. A felicidade estaria no percurso, e não na meta quantificada.

a felicidade para mim

está intimamente

associada a você poder

viver paixões, logo, ela

está ligada à coragem.

Luiz Felipe Pondé

Mas entre os livros que eu descobri estava uma encadernação muito bonita do meu pai do *Fausto*, de Goethe. A figura central é um filósofo entediado, que não sabe o que fazer e pensa em se matar no fim da tarde, uma ideia comum, boa, prática. Prestes a tirar sua vida, ele ouve o som de celebrações religiosas e interrompe o gesto. Logo em seguida lhe aparece o espírito tentador na figura de Mefisto. Mefistófeles, Mefisto, promete que vai dar tudo que ele quiser para sair dessa melancolia causada pela proximidade do planeta Saturno (segundo a crença da época) ou por uma bílis negra que o deprimia. Na obra máxima de Goethe, Fausto entregaria a alma ao tentador quando encontrasse um momento perfeito. Neste instante, ele

diria: "Para, és belo!". Talvez seja como o momento que o Cortella descreveu com a neta. Se o Cortella tivesse dito "Para, és belo!", Mefisto desceria em Florianópolis e levaria sua alma imediatamente Feita a condição, assinado o contrato, como de hábito, com sangue, Fausto começou a pedir as coisas usuais, que vocês pediriam, que eu pediria: juventude, dinheiro, amor de uma mulher, e tudo parecia incompleto. Nada trazia a plena satisfação. A segunda parte é menos romântica e tem diálogos com o mundo clássico. Aqui, a salvação será dada pelo trabalho. Tendo realizado atividades produtivas, Fausto deixa escapar a frase fatídica: "Para, és belo!", e Mefisto aparece, afinal, está cumprido o contrato. "Consegui te indicar o caminho pleno da felicidade, que é o trabalho árduo e constante." Mefisto vai levá-lo, Fausto cumpre o contrato e se entrega, mas eis que Deus manda seus anjos proclamarem a salvação do doutor. Fausto é levado para o paraíso.

Este é um final infeliz, porque Deus quebra a regra do jogo, viola o contrato, vai no "tapetão" e tira Fausto do destino infernal. Essa parte final me desagradou por eu já não ser religioso. Seja como for, fica mais uma vez a ideia faustiana, a ideia de que a felicidade está na transformação do mundo, que a gente chama de mundo fáustico, a ideia de que eu posso transformar o meio no qual vivo, hoje traduzida como empreendedorismo ou reforço ao ideal de Liberalismo.

Ou seja: você tem que encarnar a capacidade de transformação do mundo. **Se for empenhado no processo seletivo, você chegará ao paraíso; tudo depende de você, você é o pai da sua qualidade e do seu esforço. Essa internalização da culpa que a Igreja tentou por séculos o capitalismo enfim conseguiu: a culpa está em você**. Não é do demônio e nem do pecado original, é da falta de esforço. Isso é brilhante como sistema. Significa, segundo Foucault, uma espécie de panóptico, de ponto em que eu posso vigiar tudo, principalmente a mim mesmo.

Naturalmente, no decorrer da longa carreira que eu tive dando aula, tendo muito prazer naquilo que fazia, cada conquista, como publicar um livro, obter o doutorado ou entrar na Unicamp, trazia o momento perfeito de satisfação que, claro, depois, cumprindo a advertência budista, gerava novos desejos. **Lentamente também fui percebendo que nem tudo que eu conquistava, nem tudo que eu atingia, era suficiente para me deixar plenamente feliz**.

Passei a refletir especialmente sobre *Hamlet*, obra que reli ao longo de toda a minha vida racional de adulto. Em determinado momento, supunha conhecer perfeitamente a trajetória do príncipe da Dinamarca. Era um engano. Em 2010, eu adquiri a experiência-chave de *Hamlet*: fiquei órfão.

Parecia que só então eu conseguia olhar a melancolia de Elsinore. Entendi que a perda do pai, que significa em primeiro lugar a perda de uma referência da geração anterior, faz com que você envelheça brutalmente.

A perda dos pais nos envelhece mais do que qualquer outra coisa. A morte de quem nos gerou é um sentimento de desamparo e de avaliação de sentido muito forte. Sempre comparando com *Hamlet*, compreendi que a perda do meu pai lançava, ao contrário do que eu pensava, uma dor imensa, mas uma luz regressa sobre os anos que tive com ele. A perda de alguém que você ama é a dor no vetor contrário ao amor, ou seja, quanto mais amor, mais existe essa dor. Esse luto iluminou a minha felicidade com o meu pai. Esse luto iluminou as dezenas, centenas de horas com ele me ensinando francês, latim, inglês. Esse luto iluminou esse momento, iluminou muitos momentos, e eu passei a entender que um dos sentidos da morte era exatamente iluminar a vida. Porque agora eu sabia que as pessoas não eram imortais, e só descobrimos isso perdendo o pai e a mãe.

Agora que eu sabia que as pessoas não eram imortais, tratava-se de aproveitar as pessoas que eu ainda tivesse junto a mim. A perda da minha mãe no ano passado reforçou esse processo, e cada vez mais eu sinto, **todas as vezes que eu perco algo, que eu perco a saúde, que é na dor que eu crio consciência, como disse Schopenhauer. Se eu perco a saúde, se eu perco alguma coisa que eu gostava, o amor ou qualquer coisa, eu de fato só consigo ser feliz no momento em que eu tenho consciência dessa perda.**

Se for empenhado no processo

seletivo, você chegará ao

paraíso; tudo depende de você,

você é o pai da sua qualidade

e do seu esforço. Essa

internalização da culpa que

a Igreja tentou por séculos o

capitalismo enfim conseguiu:

a culpa está em você. Leandro Karnal

A dor foi ressignificada, ela existe. Existe uma dor aguda dentro de mim pelo caráter recente dos acontecimentos, mas eu entendi, claramente, que agora me sinto amado, valorizado, inteiramente iluminado pelo amor da minha mãe exatamente porque ela não está mais aqui. E a partir desse momento a minha relação com as poucas pessoas que me são muito próximas ganhou uma importância ainda maior. Eu tenho relações com o mundo, mas poucas pertencem a esse *inner circle*…

A felicidade não estava, como eu havia refletido, em imitar os macacos bonobos, das grandes espécies de símios. Os bonobos são os mais parecidos conosco: 98,7% do nosso DNA é idêntico ao deles. E aí tem uma coisa muito curiosa: esses chimpanzés transam sem cessar o dia inteiro. Os bonobos fazem sexo de todos os jeitos: macho com fêmea, fêmea com fêmea, macho com macho e pais com filhos, o tempo todo. E assim eles não têm nenhuma tensão ou guerra, como têm os gorilas, os orangotangos e os grandes chimpanzés. Freud, citado pelo Pondé, havia dito com clareza que a cultura existe em função de dois textos: "O futuro de uma ilusão" e "O mal-estar na civilização", que na repressão criava-se civilização.

Lentamente também fui
percebendo que nem tudo
que eu conquistava, nem
tudo que eu atingia, era
suficiente para me deixar
plenamente feliz.

Leandro Karnal

Entendi que esse projeto dos bonobos não era ideal. Que em algum momento você teria que parar, tomar água. Tive uma curta fase bonobo na minha vida. Passou, e passou por vários motivos; um deles é ter sentido o vazio disso. Na verdade, a felicidade não estava em ter uma fé muito

intensa, não estava em buscar o conhecimento acima de tudo com uma sede quase obsessiva, não estava na sexualidade, não estava nas conquistas materiais. E é claro, todas as conquistas materiais são boas, especialmente, como lembrou o professor Cortella, quando houve falta. Dividindo uma escrivaninha com três irmãos no Rio Grande do Sul, o meu sonho de uma escrivaninha única era forte, era um desejo que crescia comigo intensamente. Chegando a São Paulo, morando em uma pensão, na mesa que me deram mal cabia a máquina de escrever. E eu sonhava com uma escrivaninha.

Ao me mudar para um novo apartamento, em São Paulo, comprei uma escrivaninha gigantesca. Sob medida, fixa na parede, com espaço para dois computadores, muitos livros, muitas gavetas. E toda vez que eu sento nela sou invadido por uma felicidade profunda. Porque eu me lembro dos muitos momentos em que quis uma escrivaninha só minha e não tinha. **Então dessa falta brotou uma felicidade que eu sinto ausente em alguns milionários que conheço. Porque nunca sentiram falta nem da escrivaninha.** Nunca viajaram de classe econômica. A minha alegria em viajar na classe executiva é por ter feito oito viagens à China na classe econômica. Então a classe executiva ganha um privilégio enorme. A falta é uma condição para a experiência da felicidade. Saúde é algo que, tendo sempre, dilui-se como uma natureza em cada um. A doença ilumina o privilégio da higidez.

todas as vezes que eu perco

algo, que eu perco a saúde,

que é na dor que eu crio

consciência, como disse

Schopenhauer. Se eu perco

a saúde, se eu perco alguma

coisa que eu gostava, o amor

ou qualquer coisa, eu de

fato só consigo ser feliz no

momento em que eu tenho consciência dessa perda.

Fui percebendo que não era nas metas, ou no recorte, ou usando uma palavra um pouco mais elaborada, ou na epistemologia que eu atingiria esse conhecimento da felicidade, mas que ela estaria na maneira intensa como eu me entregasse a esse momento. Não é preciso ser bonobo, mas não é preciso ser a Madre Teresa de Calcutá. Não é necessário transar dez vezes ao dia, mas a felicidade também não é atingida pela castidade permanente. Não é necessário ler sem parar, é necessário tornar aquela leitura feliz, transformá-la em algo que venha e me envolva em um aprendizado, em um questionamento, e assim por diante. **Não é necessário ter muitos amigos, mas, a partir da experiência da morte, valorizar aqueles poucos amigos como momentos únicos e felizes.**

E acima de tudo entender algo ambíguo. Neste momento em que o carinho do público é visível, palpável, quase tangível no ar, eu sou muito feliz. Não apenas porque os leitores gostam da gente, dos nossos textos. Mas sou feliz porque, apesar do carinho e da extrema honra que é ser amado pelo público, eu entendo hoje que seria o mesmo Leandro se ninguém tivesse esse amor por mim. E isso é algo que eu levei cinquenta e cinco anos para deduzir. Então eu espero, nos próximos anos, continuar descobrindo isso: que as pessoas que me amam são ótimas, as pessoas que me odeiam também são ótimas, porque ambas estão falando do seu sentimento, e não do meu. As pessoas que compram meus livros são ótimas, e as que postam na internet que odeiam o Leandro também.

Não tenho que procurar atingir uma indiferença estoica, mas **a tranquilidade de não deixar que a minha felicidade dependa da opinião alheia, e sim apenas do meu exame diário de consciência.** É algo que herdei da Companhia de Jesus e nunca abandonei: olhar no espelho e dizer: "Tá aí, tá dando. Tá envelhecendo, mas vai, ainda aproveita". Aproveita esse momento final, tenta alguma dignidade, tenta controlar a alimentação, mas daqui para a cova é um caminho reto.

Não é necessário ter muitos amigos, mas, a partir da experiência

da morte, valorizar

aqueles poucos amigos

como momentos

únicos e felizes.

Leandro Karnal

a tranquilidade de não

deixar que a minha

felicidade dependa da

opinião alheia, e sim

apenas do meu exame

diário de consciência.

Leandro Karnal

A felicidade não pode depender do número de estrelas que um crítico dá ao seu livro, ou do número de obras vendidas. Ela tem que ser muito mais do que isso, senão, como diz Marco Aurélio, "a felicidade é do outro, e não minha".

PONDÉ

O Cortella falou sobre essa relação entre a felicidade e uma quase consciência do que pode acontecer, da morte, do fim. A sua cena com a neta me lembrou uma fala de um filósofo alemão, Peter Sloterdijk. Isso aconteceu nos anos 1990, quando eu começava a minha carreira escrevendo para jornal – na época para o *Estadão*, Caderno de Cultura. Eu estava na França e fiz uma série de entrevistas com ele. Foi a primeira vez; depois eu vim a encontrá-lo mais umas três vezes. Ele me recebeu na sua casa e partilhamos

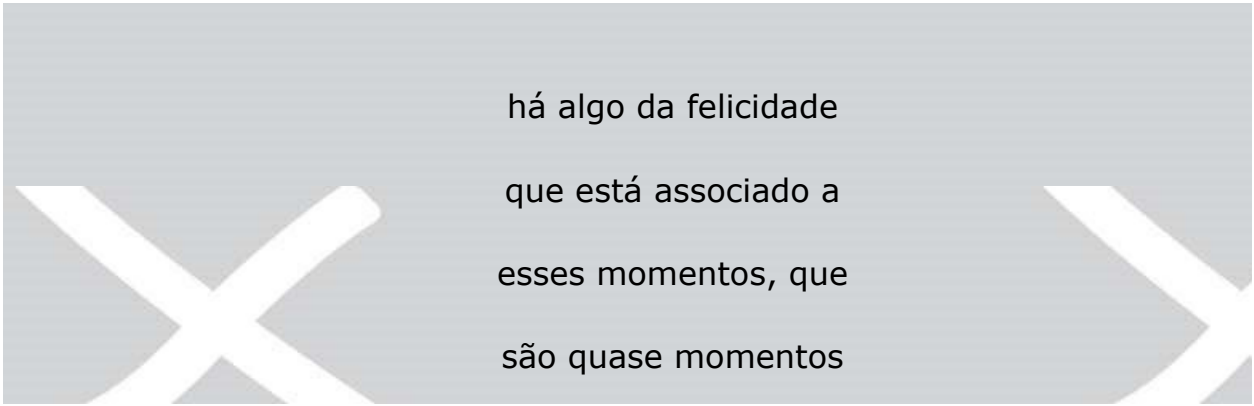
um gosto comum, que é fumar charutos. A então esposa dele cozinhou o almoço para nós, e ele tinha uma filha pequena chamada Mona, que hoje é uma mulher, está lá pelos 23 anos, mais ou menos. Ela ficava andando por baixo da mesa e passava por baixo da nossa perna; a gente levando uns papos supercabeça, e ela fazendo isso. Num dado momento ela para, olha para mim e abre um sorriso enorme. E aí o Sloterdijk me fala: "Veja só, Pondé. Se a gente pudesse fotografar o rosto dela nesse momento e depois mostrar para ela… porque ela nunca mais vai ser tão feliz na vida. Porque depois que ela crescer, depois que ela conhecer toda uma gama de pressões que a gente sofre – e acho que a gente muitas vezes cede a essas pressões para sobreviver –, acabará, como a gente acaba, acreditando em diversas coisas para sobreviver."

Eu nunca esqueci essa fala do Sloterdijk. E a história do Cortella com a neta me lembrou isso. É essa questão de que uma criança, na época ela estava lá pelos 2, 3 anos de idade, tinha aquela felicidade toda, estava numa experiência de espontaneidade com a vida que depois a gente perde. E aí começa, de fato, o desafio.

E nós, adultos, em alguns momentos temos esse tipo de felicidade. Eu entendo e me reconheço na fala do Cortella. Sem dúvida nenhuma **há algo da felicidade que está associado a esses momentos, que são quase momentos epifânicos**.

Outro ponto importante levantado pelo Karnal é a questão do capitalismo e da culpa. A gente sabe que, na realidade, apesar de os judeus serem famosos pelo capitalismo, muitos sociólogos acham que esse sistema, na verdade, na forma como ele existe, é uma invenção protestante. Portanto, a culpa e a ideia de que, se você não tem sucesso, você na verdade é ruim vêm daí. E com isso eu não quero eximir o capitalismo, porque acho que ele produz uma série de problemas. O capitalismo produz o esmagamento do sujeito, uma neurose de produtividade. Obriga você a ser eficaz, na mesma medida em que arrancou um tanto de pessoas da pobreza que ninguém nunca viu antes. Outra coisa muito importante sobre o capitalismo é ter conseguido botar a culpa total no sujeito, coisa que o cristianismo não conseguiu durante séculos. O capitalismo é de tal forma quase incontrolável que você pode, inclusive, fazer toda uma indústria para a destruição do capitalismo e ficar rico dentro dele. Quer dizer, o capitalismo reconhece e agrega valor mesmo quando você o critica, fala mal, quer destruí-lo, o considera algo que de alguma forma faz mal para as pessoas. O capitalismo faz mal mesmo – do ponto de vista da felicidade e do ponto de vista desse sentimento terrível que a gente tem hoje, muitas vezes, de ter sido incapaz de vencer nessa história do empreendedorismo do qual o Karnal fala. Esse empreendedorismo é o nome chique para você pensar em si

mesmo como empresa.



Luiz Felipe Pondé

Na verdade, acho muito brega você pensar em si como empresa, pensar em crise como oportunidade, dizer que não tem amigos, mas sim *networking*, dizer que está o tempo inteiro querendo produzir. Só que uma das coisas mais ambivalentes que me chama atenção por ser apontada como uma qualidade do capitalismo é algo relacionado ao discurso de que eu falava antes. **Esse negócio de todo mundo querer ser do bem, todo mundo querer agradar, todo mundo querer propor uma solução para as coisas, estar sempre do lado daquilo que é certo. É algo que me causa espanto**. Vou voltar à frase do Tolstói, a segunda parte dela, que eu não comentei: cada família infeliz é infeliz à sua maneira. Tolstói está indicando uma diferença: a felicidade como alguma coisa que acontece em níveis estatísticos altos, uma vez que você estabelece e segue a norma, e a infelicidade, a tristeza da frase, associada à capacidade, ao fato de a diferença, de a singularidade e de alguma coisa que não se repete. É claro que o Tolstói está colocando a capacidade criativa do lado da infelicidade na frase dele.

Outra coisa dita pelo Karnal que me chamou muita atenção foi o momento em que ele quase citou Nelson Rodrigues, quando Nelson Rodrigues conta que, ao escrever sua primeira peça, ficava mendigando boas críticas. A gente sabe que o Nelson Rodrigues é o maior moralista do Brasil no sentido filosófico. Moralista na filosofia é alguém que olha a natureza humana no sentido profundo. Ele passou grande parte do primeiro momento em que escreveu a sua primeira peça mendigando e, depois, ao escrever a segunda peça, mendigando que os amigos falassem bem, que os críticos escrevessem, dessem as tais cinco estrelas, que o teatro ficasse cheio. E, em um dado momento, o Nelson Rodrigues ficou tão cansado, tão

cansado, mas tão cansado que percebeu que não aguentava mais querer ser tão amado.

> Esse negócio de todo mundo querer ser do bem, todo mundo querer agradar, todo mundo querer propor uma solução para as coisas, estar sempre do lado daquilo que é certo. É algo que me causa espanto.
>
> Luiz Felipe Pondé

Aí ele faz uma relação direta entre essa superação do desejo de ser plenamente amado o tempo todo e o cansaço de querer ser amado. O Nelson também é conhecido como aquele que diz assim: "Eu tive tanto medo, eu tive tanto medo, eu tive tanto medo que uma hora eu cansei de ter medo". E a partir do momento em que cansei de ter medo, eu resolvi dizer exatamente o que penso, e não dizer mais aquilo que acho que tem a ver com o que a gente tem que dizer, e entrar na norma à qual eu me referia na frase do Tolstói ou na fala do Freud.

O que me chama atenção no que diz respeito ao desejo de ser amado, que é uma das questões centrais na ideia de felicidade mesmo, do ponto de vista psicológico, me lembra a fala do Nelson, porque nela aparece de forma muito clara que não é que ele simplesmente perdeu o medo, ele cansou de ter medo. E que o cansaço é que o libertou da busca incessante de não ter medo.

Então às vezes eu acho que a gente pode chegar à virtude, à ideia a que o Karnal se referiu como não precisar ser reconhecido, ser amado, para ser quem é. Eu acho que às vezes a gente chega a uma virtude como essa muito mais pelo cansaço do que por alguma coisa que alguém poderia chamar de positiva. Eu, na verdade, não acredito que a gente chegue a uma condição como essa por conta de uma evolução espiritual ou psicológica. Eu acho que podemos chegar a uma situação como essa, na verdade, **por meio da percepção do cansaço que é querer ser amado o tempo inteiro, do**

cansaço que é querer satisfazer o tempo inteiro, do cansaço que é querer ser visto e reconhecido o tempo inteiro, e aí volto à contradição do capitalismo do começo. Porque ao mesmo tempo que isso, de fato, pode gerar um enorme cansaço, é o que torna possível a realização da vida numa enorme medida.

E aí me parece que há, tanto na fala do Cortella como na questão do Karnal, uma relação muito grande com a ambivalência e com a dimensão de ambivalência que a gente vive no mundo contemporâneo. Eu já escrevi várias vezes: tenho um medo de que o mundo contemporâneo, inclusive por conta do capitalismo, porque o capitalismo precisa de pessoas felizes, precise de pessoas que acreditem nas coisas. **A pior coisa que pode existir é um empresário deprimido. Deprimidos vão ser filósofos, historiadores, poetas. Empresário não pode ser deprimido. Então o capitalismo empurra você para ser feliz ou pelo menos para projetar a ideia de felicidade**, mas me parece que um dos grandes riscos que ele está a ponto de produzir no mundo contemporâneo é o risco de a gente simplesmente capitular da condição amadurecida, capitular do contato com aquilo a que o Nelson Rodrigues se referia, e simplesmente abraçar a ideia de que de fato é possível se produzir uma felicidade que não seja atormentada continuamente pelo fracasso dela.

CORTELLA

Eu queria retomar um pedaço muito bom daquilo que o Pondé falou, quando fez uma identificação entre felicidade e coragem. Lembro: **nem toda pessoa corajosa, isto é, aquela que tem a capacidade de enfrentar seus medos, se torna feliz apenas porque corajosa é**. O inverso, no meu entender, é verdadeiro, isto é, todo covarde, ou, para usar uma expressão antiga, todo pusilânime, é infeliz. Porque ele se envergonha de sê-lo.

A pior coisa que pode existir

é um empresário deprimido.

Deprimidos vão ser filósofos,

historiadores, poetas.

Empresário não pode ser

deprimido. Então o capitalismo

empurra você para ser feliz ou

pelo menos para projetar a ideia

de felicidade [...]

Luiz Felipe Pondé

E, portanto, embora a coragem não nos ofereça sempre o mérito mais elevado, a pusilanimidade, a covardia, ela nos amargura, porque eu sei quem sou**.** E quando covarde sou com relação à vida, ao enfrentamento, à política, eu sei que o sou. É interessante porque essa conexão que você faz, no meu entender, é substância também da felicidade. Quando Karnal relembra a trajetória profissional e você a tem e eu também, quantas vezes eu me sinto bem e eventualmente até fico feliz comigo mesmo por não ter me acovardado e por ter feito algumas coisas, entre elas, ter estudado filosofia.

Numa época, inclusive, em que isso não era apenas algo que não era bem entendido dentro de uma nação como a nossa, que vivia um momento de ditadura, como além de tudo era considerado próximo à vadiagem. Claro que é preciso coragem para deixar a medicina numa família com a tua tradição, que teu filho resgata sendo médico, que é preciso coragem para deixar de ser jesuíta, alguém que rompe com uma determinada convicção. **Essa ideia de coragem não é "olha como sou bom", mas "olha como não sou covarde em relação a algumas coisas", e isso felicita. Claro que não deixa feliz o tempo todo, mas quando deixa, deixa por inteiro.**

Outra coisa que o Pondé levantou ao citar Adão e Eva: parte daquilo que o judaísmo e, depois, o cristianismo trouxeram à tona em larga escala é identificar o paraíso como um lugar de felicidade. Isto é, onde não havia sofrimento nem dor, onde não havia carência, e eu acho que esse paraíso é tedioso, não é feliz. No meu entender, Adão e Eva só se colocaram na condição de felicidade quando romperam com o paraíso. Porque o que se tinha num paraíso como aquele era tédio, nenhuma necessidade, nenhum desejo, nenhuma carência e, portanto, nenhuma música, nenhuma conquista. A única vez que eles foram em busca do que desejaram, dali foram expulsos.

nem toda pessoa corajosa,

isto é, aquela que tem a

capacidade de enfrentar

seus medos, se torna feliz

Mario Sergio Cortella

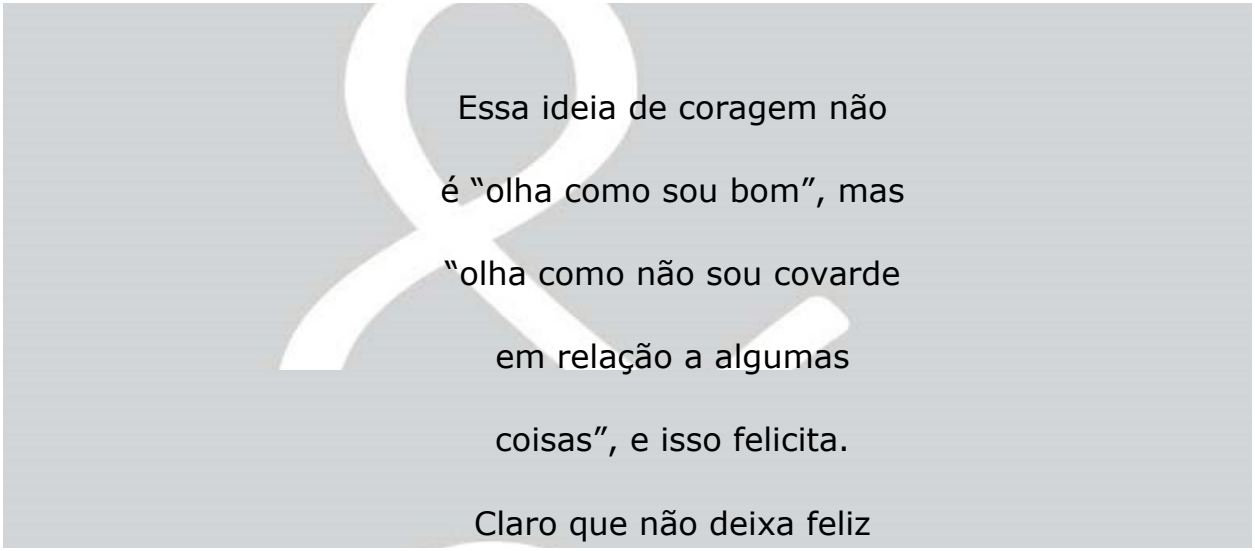
apenas porque corajosa é.

E essa expulsão é uma bênção. É uma bênção porque permitiu que nós fôssemos capazes de ser, retornando ao que eu disse antes, seres de carência e, portanto, em busca de algo que nos dá ânimo, nos dá impulso, nos leva. Parte das religiões, e entre elas o judaísmo e o cristianismo, coloca a ideia de que Adão e Eva deveriam dizer: "Eu era feliz e não sabia"…

E aí eu quero lembrar algo: se você não sabia, não era feliz. **Porque felicidade tem a ver com consciência da própria felicidade. A ignorância não é feliz.** A ideia de santa ignorância pode estar ligada a algo que não te leva a sofrer, mas a ignorância não é santa. A ignorância é a impossibilidade de consciência de algo que deveria sê-lo. E nesse sentido Adão e Eva não eram felizes porque não sabiam, porque felizes não eram. Passaram a sê-lo quando sofreram a perda de algo que tinha sentido e puderam buscar de novo.

No relato sobre os bonobos feito pelo Karnal, fico refletindo que uma das dificuldades deles e, portanto, de qualquer um de nós se assim o fosse, é a incapacidade de ter um período de latência, isto é, em que você pudesse repousar de um impulso obrigatório, que é o sexo contínuo. Porque o impulso obrigatório do sexo contínuo torna isso um encargo, e não um aproveitamento. Eles não têm como não fazer sexo. No meu entender, o maior prazer que existe na castidade é ser casto. Isto é: pessoas que se colocam a condição de castidade têm, nas suas várias religiões, um prazer imenso. Há situações em que a castidade levada ao extremo é imoral, tamanho é o prazer que a pessoa tem de negar a si mesma um impulso vital sobre o qual ela diz: "Todo mundo quer, eu quero muito, mas não vou fazer. Olha como eu sou bom"…

Obviamente eu não estou desrespeitando, e nem quero, as pessoas que têm a castidade como um princípio religioso, mas, se você foi jesuíta, se lembra de que eu fui carmelita descalço. E a fundadora dos carmelitas, Teresa D'ávila, chegava a ter uma elevação tamanha na mística, na castidade, que, do ponto de vista espiritual, ela se colocava como amante, esposa de Jesus, até escreveu que tinha um prazer imenso nessa condição.



Mario Sergio Cortella

Eu não estou falando isso para desprestigiar aquelas pessoas que de alguma maneira colocam no sacrifício a sua felicidade. Qual é a maior doçura do peregrino? A dor. O peregrino quer sofrer. Ele quer ir de São Paulo a Aparecida sob chuva. Ele quer que haja raio e trovoada perto para sofrer bastante. Porque ele tira prazer na privação e é feliz nessa privação. Diz-se: "Mas será que ele o é?". E eu digo assim: isso não é ser feliz. Como é que alguém decide fazer o caminho de Santiago de Compostela dormindo mal, comendo mal, andando a pé, sendo quase atropelado? Por que ele não vai ser um turista em vez de um peregrino? Será que ele é doente? Eu diria que não, eu estou com o olhar equivocado. Ele não é um doente, ele encontra seus momentos de exuberância, ou até de epifania, em que vem à tona aquilo que o exubera, exatamente no sofrimento, na dificuldade, na perturbação. Nesse mesmo sentido, há pessoas que não fazem o caminho de Santiago de Compostela ou a autoflagelação, mas encontram a dificuldade necessária à exuberância indo às academias e chegando ao limite máximo da privação. Agora, numa época em que nós temos comida que vem com bula, em que você não pode comer isso, não pode aquilo, teu corpo tem que ser privado daquilo que mais prazer dá…

Claro, eu nunca me esqueço de algo que me perturba bastante e aconteceu quando da morte de um dos maiores escritores que esse país já teve, João Ubaldo Ribeiro, um homem da Bahia, que, como Pondé, viveu na Bahia parte da vida. Até queria depois ouvi-los. Durante o velório do João Ubaldo Ribeiro eu pensava: "João Ubaldo, fazia vinte anos que ele não bebia nada alcoólico, vinte anos que não comia acarajé, vinte anos que ele se cuidava". Eu pensava: "Vão sepultar um cadáver saudável".

Porque felicidade tem

a ver com consciência

da própria felicidade.

A ignorância não

é feliz.

Mario Sergio Cortella

Penso nos muitos modos da procura e da chegada, retomando a estupenda frase de *Anna Karenina*: se todas as famílias felizes se parecem e as infelizes o são cada uma a seu modo, eu acho que também as pessoas felizes são cada uma a seu modo. Algumas se privando, outras encontrando; isso significa que há uma variedade nessa condição. Mas eu identifico em todas uma questão: a necessidade de carência. Por isso o luto é iluminador, porque ele acende a luz naquilo que é escuridão. É aquilo que é o claro-escuro de Drummond, algo que ilumina porque eu não estava enxergando. Eu não tenho dúvida de que a memória do teu pai como sendo também teu mestre em idiomas, em conhecimentos, a fruição da memória, seja muito mais exuberante do que a presença da situação quando ela aconteceu. Isto é, estar ali ao lado, hoje, é muito mais uma imagem que é magnífica do que a vivência no momento que foi. Por isso nós escrevemos, em grande medida para não deixar perder as memórias. **Nós temos um desespero em sermos esquecidos**, e por isso a gente escreve. Porque não sermos esquecidos nos deixa felizes.

KARNAL

Para o Cortella, a interrupção da felicidade ilumina a própria felicidade, que não será permanente, será sempre fruída em doses, e a falta vai provocar o aumento dessa felicidade.

Pondé duvida um pouco mais da felicidade como projeto civilizacional. Não acredita numa natureza humana tendente à felicidade, considera que **essa busca de felicidade, que é quase uma concepção budista, provoca profunda infelicidade**

A obrigação de ser feliz, de realizar-se profundamente, provoca essa infelicidade. Podemos sempre lançar esse olhar desconfiado, por exemplo, sobre Schopenhauer, de quem já acusei o Pondé diversas vezes de ser a reencarnação, porque Schopenhauer foi, não é o caso do Pondé, um solteirão, sempre fracassado com as mulheres, tendo a sombra de Hegel perto de si, ou seja, Hegel dava cursos com ele, marcavam no mesmo horário para ver quem era mais poderoso, e ele sempre perdia, pois Hegel era mais poderoso. Um dia, Schopenhauer discutiu com a mulher que era dona do seu apartamento, a empurrou, ela caiu da escada, ficou com um problema físico. Ele foi obrigado a pagar uma pensão para ela pelo resto da vida. Amargo, de pH baixo, absolutamente desacreditado da própria felicidade, ele centrou grande parte da sua análise na reflexão de uma infelicidade inevitável. Isso não é o caminho do Pondé.

Nós temos um

desespero em sermos

esquecidos […]

Mario Sergio Cortella

Muito mais próximo de Nelson Rodrigues, Pondé pontua com inteligência e habilidade exatamente que ser totalmente, ser autêntico, é um caminho superior à aparência, que, inclusive, as redes sociais tornaram quase uma simbologia obrigatória, já que todos no Facebook são permanentemente felizes. Nunca ninguém fracassa ou tropeça, como Fernando Pessoa já reclamava no "Poema em linha reta": "Nunca conheci quem tivesse levado porrada./ Todos os meus conhecidos têm sido campeões em tudo./ […] Toda a gente que eu conheço e que fala comigo/ Nunca teve um ato ridículo, nunca sofreu enxovalho,/ Nunca foi senão príncipe – todos eles príncipes – na vida…".

Porque todos são muito felizes e são obrigados, inclusive, a postar fotos da própria família sempre exuberante, sempre maravilhosa, permanentemente cercada de felicidade. Esse devir, esse vir a ser, essa projeção utópica dentro da distopia que é a família é um projeto que as redes sociais tornaram quase que uma gramática encobridora da percepção da dor e da oscilação.

Parece que hoje, como o Pondé já escreveu várias vezes, **ser feliz é tão obrigatório que ninguém mais pensa em ser feliz, mas apenas em aparentar essa felicidade, o que é uma percepção fina, curiosa e muito perspicaz sobre o nosso mundo**.

essa busca de felicidade,

que é quase uma concepção

budista, provoca profunda

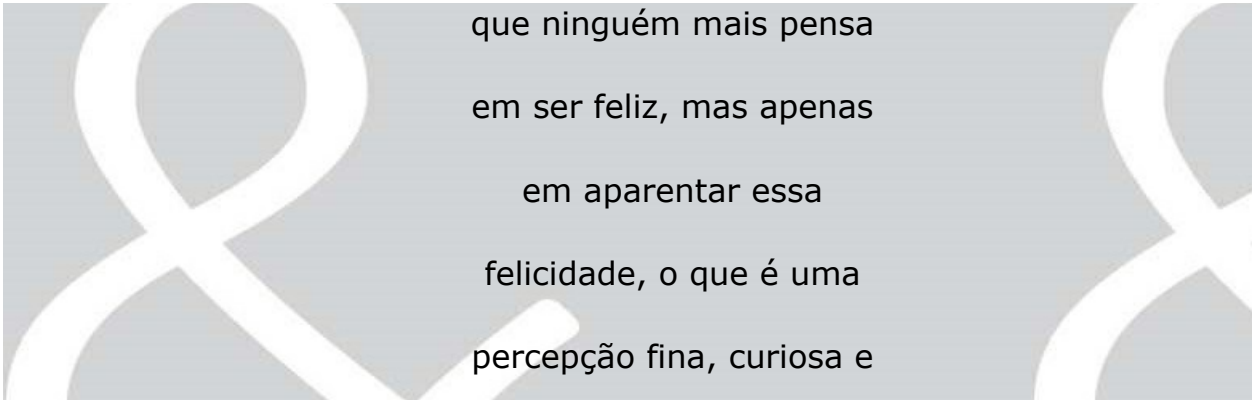
infelicidade.

Leandro Karnal

Voltando à metáfora que o Cortella usou de Adão e Eva, e com a qual concordo. Adão e Eva são feitos dentro de uma empresa chamada Éden. O dono da empresa estabelece uma semana de *compliance,* estabelece uma única regra. Pode fazer tudo, andar pelado, fazer o que quiser, só não pode comer de determinada árvore; das outras, todas. Como a gente sabe, com qualquer criança, quando você diz: "Não coloque os dedos na tomada", isso é considerado um convite obrigatório para que ela coloque. Não sei se é a natureza humana, mas nós herdamos essa desobediência. Adão e Eva desobedecem, são expulsos por justa causa, são demitidos, vão para o mundo, infelizes, fazem o caminho que todos que não conseguem a felicidade fazem, têm filhos.

Eis que um filho, Caim, matou o outro filho, Abel. A primeira família humana, a mais próxima de Deus, Adão, que viveu novecentos e trinta anos. Adão, que não tinha umbigo, como Eva não tinha umbigo. A história de Adão e Eva, que tinham uma família perfeita, resultou em dois demitidos, um assassino e um cadáver. Essa é a experiência da primeira família, a mais próxima de Deus, aquela que conversava com Deus abertamente. Uma família que tinha tudo para dar certo, inclusive porque não tinha sogra.

Eu posso tomar o comentário da Torá. O ser humano não é perfeito, mas é perfectível. Ou seja, não é uma obra acabada, mas é uma obra em andamento, e essa capacidade de continuar tentando seria muito mais a centelha ou a misericórdia, a iluminação do Pondé. Ou, para o Cortella, que é um homem de fé, uma centelha do divino implantada no homem. O Cortella já nos disse outra vez, em Campinas, que ele estará no céu e eu e o Pondé estaremos no inferno por não sermos pessoas de fé. O Pondé por não ser batizado e eu por não ser um apóstata, nós dois estaremos no inferno. Considerando a hipótese de uma eternidade ao lado do Pondé no inferno ou uma eternidade ao lado do Cortella no paraíso, eu fico feliz com esses dois grandes amigos.



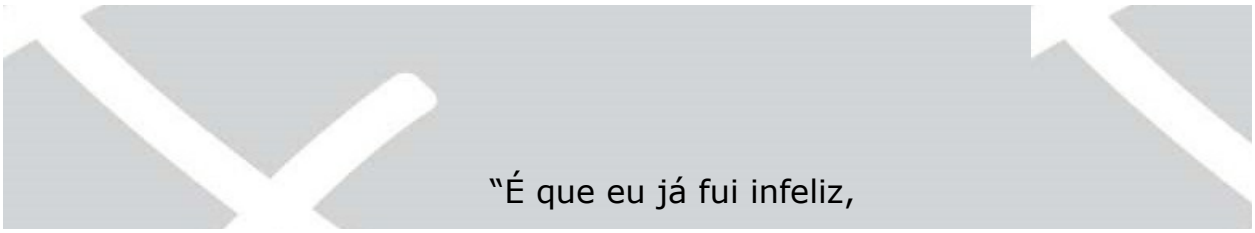
muito perspicaz sobre o

nosso mundo. Leandro Karnal

A ideia da felicidade como um projeto para corrigir o presente, usando mais ou menos a referência de Montaigne, que utiliza os canibais do Brasil para corrigir a sociedade francesa, a felicidade não é, obviamente, uma possibilidade; ela é, como lembrou o Cortella, um horizonte, um horizonte que nunca é atingido, é só a esperança provocada pelo desejo de felicidade. É a única capacidade que nós temos de não eliminar a própria vida.

Ou seja, essa aventura chamada vida precisa de uma utopia que nos guie para mais próximo ou mais distante da felicidade. Há mais de vinte anos venho dando uma aula sobre a felicidade entre hedonistas e estoicos. Um dia, uma senhora que fazia o curso me disse: "Professor, eu sou feliz". Fazendo o papel socrático de maiêutica, de questionar ou encontrar uma verdade maior para que a própria pessoa tivesse consciência, perguntei: "Como você sabe que é feliz? Qual é o ponto que lhe dá a referência de que você é feliz?". Ela deu uma resposta sapientíssima: **"É que eu já fui infeliz, e hoje eu sou feliz". Talvez seja a única resposta possível**.

Hoje, aos 55 anos, sou profundamente mais feliz do que eu era aos 18, quando andava pela rua e era macérrimo, e naquela ocasião não precisava de óculos para ler, nenhum remédio para colesterol, e tudo era novo. Mas, como diz Drummond, e eu acato inteiramente, "amor é para pessoas maduras". O amor nunca é para gente muito jovem. Paixão é jovem, o amor é específico, como diz Drummond, um privilégio para gente madura. E para mim essa etapa da vida, esse terço final da vida, é profundamente feliz, não é porque eu viva feliz, para não ser o bobo que o Cortella advertiu, **mas porque hoje eu tenho consciência de que a minha felicidade não é permanente, pode ser obtida e depende de uma série de concepções, citando a Monja Coen, de que o sofrimento é inevitável, a dor é inevitável, mas o cultivo desse sofrimento é opcional**.



e hoje eu sou feliz”.

Talvez seja a única

resposta possível.

Leandro Karnal

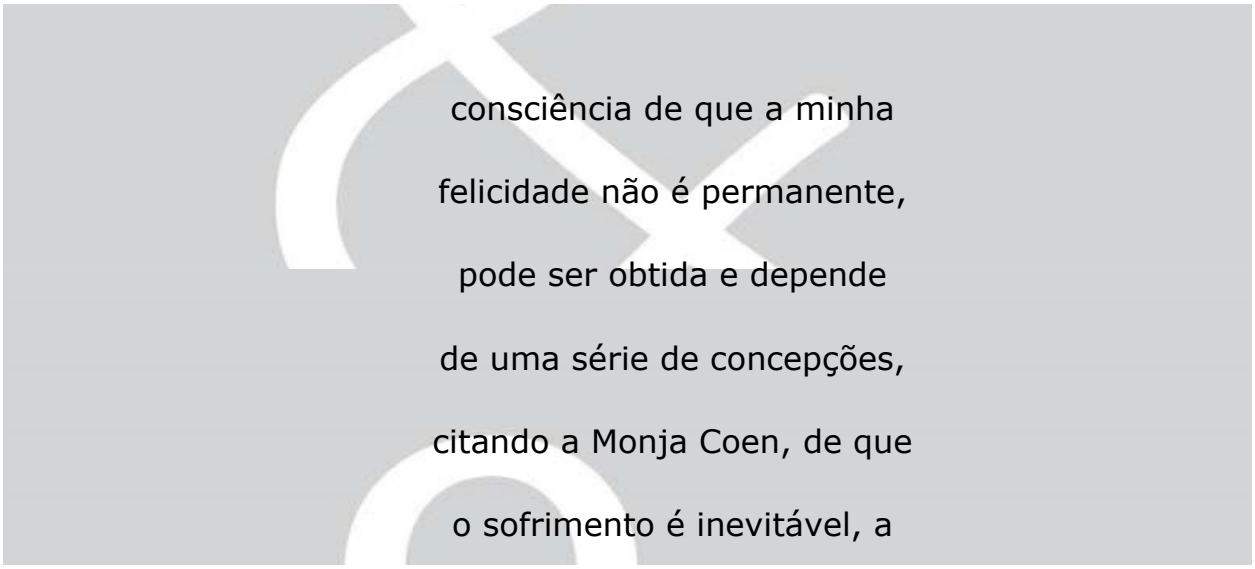
A dor é inevitável. Não importa o que você fizer, alguém do seu círculo vai morrer. Não importa o quanto você se cuide, você vai morrer. Cortella lembrou que quem deixou de lado todos os vícios será enterrado como um cadáver virtuoso, sem nenhum vício. Quem foi com os vícios até o fim será enterrado como um cadáver viciado. Quem se cuida e malha todos os dias ficará lindo no caixão com abdominais definidos.

E o que é essa esperança? Acho que a metáfora mais óbvia que eu posso usar é que a esperança é aquilo que tantos e tantas fazem todos os dias: passar um creme no rosto ou no corpo. É um desejo fadado ao fracasso. Não importa quanto hidratante você passe, você vai morrer. Mas entre a morte inevitável, aquela que em outra ocasião o Pondé lembrou que um lugar bom para fazer filosofia é o necrotério. Entre a morte inevitável, inexorável, e o meu momento atual, eu cometo esses deslizes de esperança, ou de passar um creme ou de fazer uma dieta, como estou fazendo agora – o que me obriga a pensar em comida o tempo todo, vinte e quatro horas por dia. E quando interromper a dieta, a comida terá um sabor completamente diferente, devido a esses meses de capim, de esteira e de batata-doce e peito de frango.

Essa ideia projeta uma utopia que me puxa, e essa utopia não tem a função opiácea que Marcos deu para as religiões. Ela tem a função de aumentar a minha consciência de que a felicidade é possível, de que a ética não é uma ciência para anjos, mas uma ciência do perfectível, e sendo perfectível eu continuo preocupado. Voltando à fala do Pondé, porque eu era uma pessoa de bem, eu era virtuoso, era inimigo de qualquer vício, era casto, pontual, insuportável.

Ter me afundado como filho pródigo entre suínos, longe da casa do pai, me fez ter consciência de que hoje eu sou muito mais humano, muito mais frágil, muito mais capaz de compreender que as pessoas que eu acho terríveis provavelmente fizeram as coisas que eu ainda não tive ou coragem ou oportunidade de fazer. Ou, como disse minha empregada uma vez

quando a recriminei por comprar DVD pirata: "O seu dinheiro, professor, o torna ético".



Ter dinheiro para comprar isso me tornava ético. Vamos testar essa ética na crise, vamos fazer como o Brecht fala em relação à mãe que aborta em um banheiro sem teto num dia de neve. De perto ninguém é normal, como diria Nelson Rodrigues, e nós continuamos nisso.

Felicidade realmente é um exercício, nunca uma meta; é uma prática, é uma decisão. Isso faz com que haja pessoas felizes e infelizes, apesar de não haver diferença na maneira da sua vida e nas condições da sua vida. Essa é uma grande questão para nós pensarmos.

CORTELLA

Tenho uma questão para o Pondé que já tratei com ele de outros modos, mas sempre aprendo. Pondé é uma das pessoas que conheço que mais entende de Dostoiévski e daquilo que chamamos de alma russa dentro

da filosofia. Há um certo estereótipo de que a alma russa é triste, uma alma da tragédia. Você vê desde Tolstói, com seu desespero quase obcecado por uma religião salvacionista, quase messiânica, até aquilo que Dostoiévski escreveu sobre as grandes tragédias humanas. E nós, às vezes, identificamos um *éthos* brasileiro como sendo uma alma mais feliz, alguns diriam mais ingênua, outros mais inocentes. Você acha que existe a possibilidade de uma identidade nacional em que a tristeza seja um combustível para a vida e para a explicação da própria literatura? Essa atração quase mórbida pelo desespero é uma condição cultural, diríamos, uma fonte da alma russa?

PONDÉ

De fato eu dedico uma parte do meu tempo à literatura russa, especificamente Dostoiévski e Tolstói. Já li bastante Tchekhov também, e em algum momento vou me dedicar a alguns textos de fôlego sobre a relação entre a literatura e o desespero.

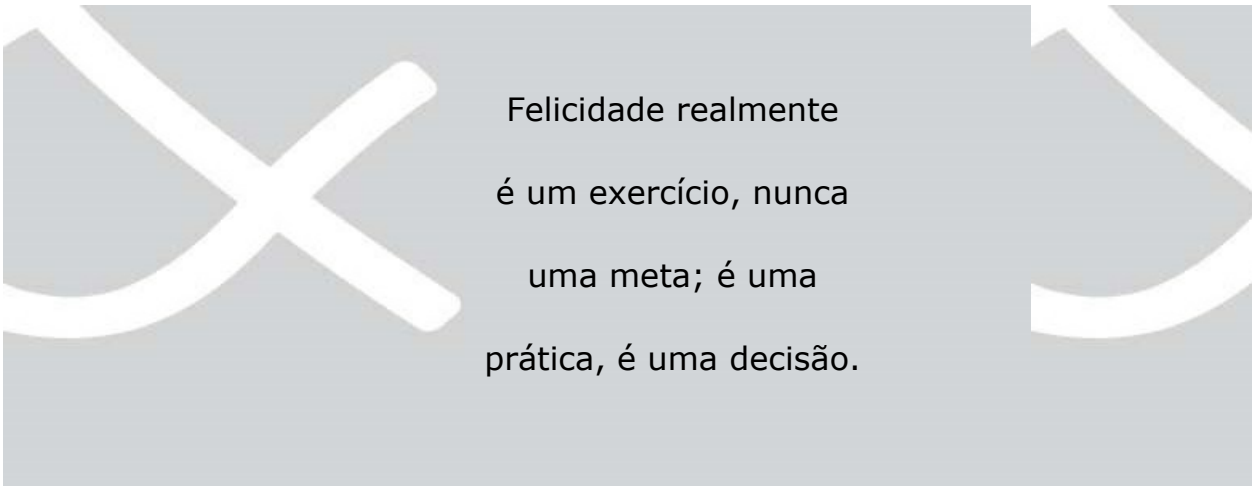
Eu começaria a te responder sobre a Rússia. É interessante, porque alguns russos que conhecem o Brasil, que vêm ou trabalham, moram aqui, repetem com uma certa constância a ideia de que nós somos os russos dos trópicos e eles são os brasileiros do Polo Norte.

Onde estaria essa semelhança? A literatura russa, sem dúvida nenhuma, retrata uma desigualdade social monstruosa, principalmente no século XIX. Tem um fato específico que é a construção de São Petersburgo por Pedro, o Grande. E a construção era para São Petersburgo ser a cidade europeia por excelência. Então nós temos a Rússia de Moscou e a Rússia de São Petersburgo.

Na Rússia de Moscou, você pode escutar uma jovem dizer que dois rapazes não devem se beijar na rua porque a lei proíbe casamento gay, e se eles apanharem é problema deles. Em São Petersburgo, você pode ver dois rapazes de repente de mão dadas na rua. Só para mostrar os contrastes. E esses são contrastes de uma parte da alma russa que sempre quis permanecer no âmbito de uma Rússia agrária, aristocrática, que se vê como uma nação quase impermeável ao niilismo europeu. Isso até hoje está presente na Rússia. A ideia de que existe um niilismo europeu, uma destruição dos valores, e que a Rússia é impermeável porque não é Europa e

nem é Ásia – ela é a Rússia.

Uma compreensão muito comum na teologia russa que ajuda a entender isso também é o fato de que, na Rússia, os indivíduos ou são santos ou são pecadores. Não tem nada no meio. Você nunca é uma pessoa mais ou menos, e quando eu digo isso não é necessariamente na totalidade da vida. Você tem momentos em que é profundamente pecador e momentos em que atinge uma enorme experiência mística de contato direto com Deus. A teologia russa é pouco especulativa, pouco sistemática, e muito experiencial.



Leandro Karnal

Todas as tentativas de explicar de onde vem a literatura russa são complicadas. Tolstói era uma pessoa profundamente infeliz, Dostoiévski provavelmente era muito mais feliz pessoalmente, apesar de ter sido pobre a vida inteira e ter gastado o dinheiro em jogo e mulheres, além de viver fugindo de credores. Enquanto isso, Tolstói foi um conde que teve uma vida extremamente estável. Na obra dele, você não encontra redenção. No seu último romance, *Ressurreição*, não há propriamente uma redenção, há uma autoimposição de abandono da condição de vida. Em Dostoiévski você encontra a redenção: o príncipe Mishkin [em *O idiota*], Sônia em *Crime e castigo*. O sonho do homem ridículo é profundamente redentor. Com isso eu quero dizer que a alma russa é uma alma essencialmente triste, embora isso não corresponda à realidade dos fatos.

A Rússia é, na verdade, um país em que você experimenta momentos

tristes. Na literatura russa, há a cena em que a condessa Natasha Rostova vai à casa do seu tio, que também é um conde e vive com uma mulher que é uma serva, mas que ele ama [em *Guerra e paz*]. Natasha começa a dançar. Ela tinha sido educada em francês, como todo aristocrata do século XIX, para provar que era culto, mas de repente começa a fazer uma dança russa que só a serva sabia. Então a ideia de que os russos são tristes não é verdade.

A Rússia é um país extremamente passional e, inclusive, isso dificulta a relação com a democracia, que é um regime protestante, de contenção. No sentido de amadurecimento, a democracia exige uma enorme contenção, e essa característica passional russa seguramente dificulta a relação com ela.

Agora, não há dúvida em relação a parte do que a gente vê nos livros do Tchekhov, por exemplo, uma obra da demolição da aristocracia rural russa pela mão dos burgueses. Existe uma certa sociologia de que a literatura russa mostra expectativas religiosas contrapostas a uma realidade bastante violenta, extremamente sofrida e pobre para muita gente. Mas, do ponto de vista cotidiano, isso é diferente – por isso eu comecei falando dos russos que nos comparam a eles. Do ponto de vista cotidiano, a Rússia é um país profundamente feliz e alegre. As pessoas bebem muito, supostamente fazem muito sexo, não sei se tanto quanto os bonobos. Eu nunca acredito nessa história de que a humanidade está fazendo muito sexo, acho que as avós faziam muito mais do que eu hoje em dia…

Mas a vida sensorial na Rússia – comer, beber, transar, se apaixonar e ir até o fundo do poço pelo que você sente – se afasta um pouco da ideia que o cinema americano construiu em relação aos russos. Na verdade, os russos riem muito da ideia de que eles perderam a Guerra Fria. O entendimento comum deles é de que a Guerra Fria nunca acabou, e que a Rússia tomou um tombo porque o Gorbachev era um idiota. A maioria dos russos enxergam Mikhail Gorbachev como um imbecil e acreditam que a Rússia está voltando. E que podemos esperar, porque a Rússia vai engolir a América. A Rússia é incrível!

KARNAL

Tenho mais uma questão para o Cortella. Tomando como ponto de partida o que já foi dito aqui: ao contrário da média dos filósofos e

intelectuais, que, à medida que avançam no conhecimento, vão perdendo a relação com a sua fé, o Cortella permaneceu um homem de fé. Isso também acontece com grandes filósofos amigos meus, como Oswaldo Giacóia e o Franklin Leopoldo e Silva, pensadores de primeira linha e absolutamente católicos, frequentadores de missa, de confissão e assim por diante.

Outros filósofos afastaram-se da ideia de religião, como o próprio Pondé, que se tornou um ateu. Mas a pergunta que eu faço ao Cortella é se houve algum choque, seja do ponto de vista prático, reflexivo ou racional, entre seu estudo intenso e profundo e a sua convicção da ideia de um Deus pessoal. Ou, repetindo Sartre, como você coaduna a sua liberdade, pressuposto básico, com a onisciência divina e com a existência de um plano anterior a essa liberdade?

CORTELLA

É interessante, porque muitas vezes as pessoas perguntam: "Você é católico?". Eu digo que já o fui. Tenho referência católica, uma tradição católica, mas não me coloco nessa condição porque não sou um frequentador de culto. Portanto, acharia uma ofensa aos católicos se eu me colocasse na mesma condição de modo morno. Outra coisa é perguntar se sou uma pessoa que tem religiosidade, e eu a tenho em larga escala. Aquilo que estudei em filosofia ou em teologia não colidiu com essa condição. Em grande medida, o estudo de filosofia demoliu um pouco daquilo que é a exterioridade da religião. Aquilo que Mircea Eliade lembrava, "o rito reforça o mito". Em alguns momentos, a racionalidade que a filosofia pode oferecer mostrou que alguns dos ritos católicos não tinham nenhum tipo de seriedade. E que parte dos mitos era tola. Nesse sentido não há uma diminuição da fé. No meu caso específico, existe uma consolidação de uma fé menos alienada em relação aos símbolos e às representações que fazem parte desse andaime.

No entanto, eu tive e tenho dessa trajetória algo que não é a prática de uma religião, mas uma perspectiva de religiosidade em que um dos grandes contributos foi o que o mundo judaico e, depois, o mundo cristão ofereceram à minha formação. É algo extremamente animador, que é a ideia de pecado. A noção da falta.

E quando falava antes em ausência, eu colocava também a falta nesse

campo como aquilo que permite que eu não me desumanize, mas que eu não caia na armadilha da perfeição como realidade, em vez de vê-la como inspiração.

Nunca me esqueço de um dos escritos mais magníficos de Stendhal. Há uma cena maravilhosa, que é a de uma princesa no alto de uma torre num castelo, numa noite de muito calor, um calor imenso, e a princesa tomava um sorvete delicioso. Enquanto tomava o sorvete, ela pensava: "Pena que não é pecado". Porque se pecado fosse, agregaria muito mais felicidade àquela condição.

Por que eu estou dizendo isso? Não acho que haja uma oposição entre essa formação, digamos, mais cartesiana. Meu primeiro livro foi sobre Descartes. Um livro até com um título contraditório, que é *Descartes, a paixão pela razão*, e é claro que a intenção do título era lidar com essa condição de não fazer com que Descartes saísse para que Pascal entrasse. Ou tirar Pascal da sala para que Descartes pudesse ali estar. Assim como eu não acho que se deva fazer uma colisão entre essas perspectivas na qual o pensamento filosófico admite a percepção de uma religiosidade que não é ateia, mas de uma religiosidade em que não há mitos. Há crenças em forças que não necessariamente são de natureza mitológica. Quando alguém me pergunta sobre, por exemplo, Deus, eu digo que "Deus" é uma palavra que não é unívoca, tem que aparecer entre aspas. A minha capacidade é de identificar a força da Vida com relação àquilo que eu desconheço, um mistério do qual eu participo e que não domino, mas do qual não quero me ausentar. Talvez aí eu me aproxime de Manoel de Barros, um homem que morreu com quase 100 anos de idade. Quando alguém olhava e dizia: "Como é que o senhor se sente aos 94 anos?", ele respondia: "Eu não estou indo em direção ao fim, eu estou indo em direção às origens". Eu acho que estou indo em direção às origens. Essas origens podem ser mitificadas ou podem ser entendidas como uma fonte – que não é uma fonte de inteligência, mas de vitalidade.

KARNAL

Como adverte Baltasar Gracián, jesuíta do século XVII, o primeiro sinal da ignorância é presumir conhecimento. E conhecimento para mim só pode ser um conhecimento alegre, que introduza felicidade. É fundamental reconhecer que **consciência e conhecimento aumentam a felicidade,**

aumentam a capacidade de ser receptivo à felicidade.

Consciência, como enfatizou Cortella; coragem, como enfatizou Pondé. Mas é preciso que cada um seja capaz de produzir e selecionar conhecimento. Por mais sábio que seja alguém, essa pessoa não tem a menor ideia de quem você é. Isso funciona como acontece com uma mãe que tem um filho e precisa ouvir a experiência da mãe dela, da sogra, das outras mães. Ela deve ouvir a todos, mas precisa saber que nem sua mãe nem sua sogra nem suas irmãs tiveram a experiência de ter o seu filho. Ela é única e irrepetível.

Eu posso ter lido muito, Cortella pode ter lido muito, Pondé pode ter lido muito, viajado pelo mundo. Nenhum de nós sabe onde está o seu joanete, onde está o seu problema, onde está a sua percepção. A primeira noção de filosofia, especialmente na apologia de Sócrates e no que é iluminação de Kant, é: **pensem livremente, pensem sem barreiras, pensem com alegria. Transformem-se a partir desse pensamento, não aceitem nada que não seja essa libertação, rompam com o discurso da servidão voluntária.**

Porque o grande direito que todos nós temos é o de errar por nós mesmos. Ninguém precisa de auxílio para errar, é um direito fundamental errar por nós mesmos, afundarmos no erro e poder pensar. Esse é um direito absolutamente inerente. Locke não o identificou como um dos direitos constitutivos o homem, mas eu acredito nisso. Deixe-me errar sozinho. Deixe-me pensar sozinho. A partir de tudo que os outros dizem, deixe-me ser, porque não existe nada pior do que alguém que lança mão sobre você e quer que você seja o sonho de outra pessoa. A vida é muito curta para isso.

consciência

e conhecimento aumentam

a felicidade, aumentam a

capacidade de ser receptivo à

felicidade.

Leandro Karnal

pensem livremente,

pensem sem barreiras, pensem

com alegria. Transformem-se

a partir desse pensamento,

não aceitem nada que não seja

essa libertação, rompam com o

discurso da servidão voluntária.

Leandro Karnal

Os autores

Mario Sergio Cortella – É filósofo e escritor, com mestrado e doutorado em Educação, professor-titular da PUC-SP (na qual atuou de 1977 até 2012), com docência e pesquisa na pós-graduação em Educação e também no Departamento de Teologia e Ciências da Religião. Foi Secretário Municipal de Educação de São Paulo (1991-1992), tendo antes sido Chefe de Gabinete do Prof. Paulo Freire. Comentarista da Rádio CBN com as colunas *Academia CBN*, No *Meio do Caminho* e *Escola da Vida*, é autor de mais de 40 livros.

Leandro Karnal – Doutor em História Cultural pela USP e professor da Unicamp. Participa frequentemente de programas como *Jornal da Cultura* e *Café filosófico CPFL*. É colunista semanal no jornal *O Estado de S. Paulo* e *Zero Hora*. Tornou-se um grande influenciador digital: sua página no Facebook possui mais de 1,4 milhão de seguidores e tem um canal no YouTube. Autor de vários livros, entre eles dois best sellers publicados pela Editora Planeta: *O dilema do porco-espinho* e *Crer ou não crer*, com Padre Fábio de Melo.

Luiz Felipe Pondé – Filósofo, escritor e ensaísta, é doutor pela USP e pós-doutor pela Universidade de Tel Aviv (Israel). É professor da FAAP e da PUC-SP. Escreve semanalmente no jornal *Folha de S.Paulo*. É comentarista do *Jornal da Cultura*, da TV Cultura. Autor de vários livros, entre eles *Filosofia para corajosos*, *Amor para corajosos* (finalista do Prêmio Jabuti), *Espiritualidade para corajosos* e *Como aprendi a pensar*, todos com a Editora Planeta.